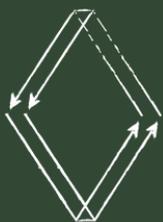


O Seminário, livro 13  
O objeto da  
psicanálise

**(1965-1966)**



LOGOS  
LACANIANO

## EDITORIAL

Neste seminário, Lacan se propõe a elaborar uma teoria sobre o estatuto de seu objeto. Em busca dessa definição, traça um caminho que revisa seus esquemas ópticos e a questão da perspectiva. Amparado pela topologia das superfícies, estrutura conceitos-chave para o seu ensino. Inclusive, é neste seminário, que ele introduz uma nova figura topológica, o cross-cap. E desenvolve o que é considerado pelo campo como sua invenção, o objeto(a), previamente formalizado em 1958.

Em seu ensino, neste momento, Lacan investiga a possibilidade de a psicanálise ser uma ciência e trata de questões que derivam dessa indagação. Trabalha com noções advindas deste campo como as de verdade, sujeito e o próprio conceito de objeto em relação a estes.

Aqui também já começa a ser desenvolvida sua proposta da lógica do fantasma - da qual ele tratará no seminário seguinte - onde o problema da representação surge evidenciando o problema da resistência do objeto à mesma, como exemplificado imageticamente pelo quadro de Diego Velázquez, As meninas. Que não por coincidência, foi escolhido para ser sua capa.

Por tratar de pontos tão fundamentais para nossa teoria, nos incumbimos da tarefa de iniciar a tradução deste seminário, não escolhido para fazer parte da sequência de seminários publicados por Jacques Alain Miller.

**Paula Cubilhas**

(71)997313460

paulacubilhas@gmail.com

**Jorge Henrique de Paiva**

(22)998409347

@jorgehenriquedepaiva

jorgehenriquedepaivapatricio@gmail.com

**Leonardo Marçal**

@leonardo.marcal.psico

leopsico16@gmail.com

**Yan Lázaro Santos**

@yan\_psicanalise

(16)992618143

yanlazarosantos@gmail.com

**@logoslacaniano**

logoslacaniano@gmail.com



01 de dezembro de 1965

Senhoras e senhores, Sr. Diretor da Escola Normal Superior, que teve a gentileza de me honrar com sua presença hoje nesta sala da Escola, onde sou apenas um convidado.

O estatuto do sujeito na psicanálise, digamos que no ano passado o fundamos? Conseguimos estabelecer uma estrutura que dá conta do estado de cisão, do Spaltung, onde o psicanalista situa a sua práxis. A psicanálise identifica essa cisão numa espécie de modo cotidiano que se admite na base, pois o único reconhecimento do inconsciente basta para motivá-lo, e também o submerge, se assim posso dizer, com sua constante manifestação.

Mas para saber qual é o status de sua práxis ou apenas para poder direcioná-la de acordo com o que lhe é acessível, não basta que essa divisão seja para ele um fato empírico, ou mesmo que o fato empírico tenha tomado a forma de um paradoxo, é necessária uma certa redução, às vezes longa para realizar, mas sempre decisiva no nascimento de uma ciência.

Redução que constitui seu próprio objeto e onde a epistemologia que se esforça para defini-lo em cada caso, ou em todos, está longe de ter - pelo menos aos nossos olhos - cumprido sua tarefa. Pois eu não sei se ela foi totalmente responsável, por este meio da definição do objeto, por essa mutação decisiva que, a propósito da física, fundou a ciência no sentido moderno a partir de então tomada por significado absoluto: uma posição justificada por uma mudança radical de estilo em

- o ritmo de seu progresso,
- a forma galopante de sua interferência em nosso mundo,
- as reações em cadeia que caracterizam o que pode ser chamado de expansões de sua energia.

A tudo isso, parece-nos radical uma modificação em nossa posição de sujeito no duplo sentido: que ela é inaugural, e que a ciência a fortalece cada vez mais. KOYRÉ aqui é nosso guia e sabemos que ele ainda é desconhecido.

Portanto, ainda não dei o passo de criar a psicanálise como uma ciência. Mas vocês devem ter notado que no ano passado tomei como fio condutor um certo momento do

sujeito que considero ser o correlato essencial da ciência: um momento historicamente definido, que talvez necessitemos saber se é estritamente repetível na experiência, aquilo que DESCARTES inaugura e que é chamado de cogito.

Esse correlato, que, por um momento, é o desfile de uma rejeição de todo saber, pretende deixar ao sujeito uma certa ancoragem no ser, que consideramos constituir o sujeito da ciência em sua definição, este termo deve ser tomado no sentido de porta estreita.

Este fio condutor não nos guiou em vão, pois nos levou a formular, no final do ano, nossa experiente divisão do sujeito como uma divisão entre saber e verdade, acompanhando-o com um modelo topológico, a de Möebius, que deixa claro que não é de uma distinção de origem que deve vir a divisão onde esses dois termos vêm se juntar.

Quem vai reler, à luz que pode trazer para a técnica da leitura, meu ensinamento sobre FREUD, este artigo onde FREUD nos lega o termo Spaltung<sup>1</sup> - sobre o que a morte o faz largar a caneta - e voltando aos artigos sobre O feticismo de 1927<sup>2</sup> e A perda da realidade de 1924<sup>3</sup>, este apreciará se não parecer que o que motiva a remodelação doutrinária de FREUD, que ele acentua no sentido de uma tópica, tem uma preocupação em elaborar uma dimensão que pode ser dita propriamente estrutural, pois é a relação entre esses termos e sua recuperação dialética na experiência, que por si só dá suporte ao seu progresso.

Longe de supor qualquer entificação<sup>4</sup> de um aparelho, em suma, que a Ichspaltung, cisão do ego - sobre a qual sua mão cai - é de fato o sujeito que ela nos aponta como um termo a ser desenvolvido.

O princípio de realidade perde, portanto, toda a ambiguidade com que permanece marcado se nele se incluir a realidade psíquica. Este princípio não tem outra função definível além de conduzir ao sujeito da ciência.

E basta pensar sobre isso para que estas reflexões, consideradas óbvias demais, se concretizem imediatamente, por exemplo, que é impensável:

---

<sup>1</sup> S. Freud: A cisão do eu no processo de defesa (1938), in Resultados, ideias, problemas II, Paris, PUF, 1998. Die Ichspaltung im Abwehrvorgang

<sup>2</sup> S. Freud: O Fetiche (1927), na vida Sexual, Paris, PUF, 1969. Fetischismus

<sup>3</sup> S. Freud: A perda da realidade na neurose e na psicose (1924), em Neurose, psicose e perversão, Paris, PUF, 1999. Der Realitätsverlust bei Neurose und Psychose.

<sup>4</sup> Entre: enxerto.

- que a psicanálise como prática,

- que o inconsciente - o de FREUD - como descoberta,

... tomaram seu lugar antes do nascimento - no século que foi chamado o século do gênio, o século XVII - da ciência a ser tomada no sentido absoluto, sentido no momento indicado, um sentido que, sem dúvida, não apaga o que foi instituído anteriormente com esse mesmo nome, mas que, em vez de encontrar nele seu arcaísmo, extrai dele seu próprio fio de uma maneira que mostra melhor sua diferença de qualquer outro.

Uma coisa é certa: se o sujeito se encontra, de fato, ao nível desta diferença, qualquer referência humanista torna-se supérflua, porque é a ela que ele se reduz.

Não estamos visando, ao dizer isto - a psicanálise e a descoberta de FREUD: este acidente - quer seja porque seus pacientes vieram a ele em nome da ciência e do prestígio que ela conferiu no final do século XIX a seus servos, mesmo de nível inferior, que FREUD conseguiu fundar a psicanálise ao descobrir o inconsciente.

Dizemos que, ao contrário do que é bordado sobre a suposta ruptura de FREUD com o cientificismo de seu tempo, que é este mesmo cientificismo... se quisermos designá-lo em sua fidelidade aos ideais de um BRÜCKE, eles próprios transmitidos do pacto em que um HELMHOLTZ e um DU BOIS REYMOND se dedicaram a trazer a fisiologia e as funções do pensamento consideradas como incluídas nos termos matematicamente determinados da termodinâmica que haviam atingido quase a conclusão de seu tempo ...o que levou FREUD, como nos mostram seus escritos, a abrir o caminho que leva seu nome para sempre.

Dizemos que este caminho nunca se separou dos ideais deste cientificismo, uma vez que é assim chamado, e que a marca que ele carrega não é contingente, mas continua a ser essencial para ele. Que é a partir desta marca que ela mantém o seu crédito, apesar dos desvios a que emprestou, e isso como FREUD se opôs a esses desvios e sempre com uma segurança sem atraso e um rigor inflexível.

Testemunhe sua ruptura com seu seguidor de maior prestígio, JUNG pelo nome, assim que ele escorregou em algo cuja função não pode ser definida de outra forma a não ser para tentar restaurar um sujeito dotado de "profundidades", este último termo no plural, o que significa um sujeito composto de uma relação com o saber, uma relação chamada "arquetípica", que não seria reduzida àquela que a ciência moderna permite, com

exclusão de todas as outras, que nada mais é do que a relação que definimos no ano passado como pontual e evanescente, esta relação com o saber que desde seu momento historicamente inaugural mantém o nome de cogito.

É a esta origem inconfundível, evidente em toda a obra freudiana, a lição que FREUD nos deixa como chefe de escola, a de que o marxismo não tem alcance, e não sei se algum marxista demonstrou qualquer insistência em questionar o seu pensamento - o pensamento de FREUD - em nome das filiações históricas de FREUD.

Queremos dizer especificamente à sociedade da monarquia dual para os limites judaizantes onde FREUD permanece confinado em suas aversões espirituais à ordem capitalista que condiciona seu agnosticismo político...

que entre vocês nos escreverá um ensaio digno de LAMENNAIS<sup>5</sup> sobre indiferença na Política

...eu acrescentaria: à ética burguesa pela qual a dignidade de sua vida vem inspirar em nós um respeito que atua como inibição ao fato de que seu trabalho - a não ser em mal-entendidos e confusão - alcançou o ponto de competição dos únicos homens da verdade que nos restam:

- o agitador revolucionário,
- o escritor que marca a linguagem com o seu estilo - sei em quem estou a pensar - e este pensamento que renova o ser de que temos o precursor.

Você pode sentir minha pressa em sair de tantas precauções tomadas para devolver aos psicanalistas suas certezas menos questionáveis. No entanto, tenho que voltar a elas novamente, mesmo que isso signifique alguns inconvenientes.

Dizer que o sujeito sobre o qual operamos na psicanálise só pode ser o sujeito da ciência pode passar por um paradoxo. No entanto, é aqui que deve ser feita uma demarcação, caso contrário tudo se confunde e começa uma forma de desonestidade que em outros lugares é chamada de objetiva, mas é falta de audácia, e falta de ter visto que o objeto está errado.

Somos sempre responsáveis pela nossa posição enquanto sujeito: chamem, se quiserem, de terrorismo... Tenho o direito de sorrir, porque não é num ambiente em que a doutrina

---

<sup>5</sup> Robert Fl. Ícito. de Lamennais: ensaio sobre a indiferença em matéria de religião, Paris, Tournachon-Molin, 1817-1823.

é abertamente uma questão de negociação, que eu teria medo de ofender alguém formulando o que penso: que o erro de boa fé é, de todos, o mais imperdoável. A posição do psicanalista não deixa escapatória, uma vez que exclui a ternura da "bela alma", é ainda um paradoxo dizê-la, pode muito bem ser a mesma.

De qualquer modo, afirmo que qualquer tentativa - ou mesmo tentação em que a teoria atual não cessa de ser uma recaída - de encarnar ainda mais o sujeito que é errante, sempre fecundo no erro e, como tal, em falta: encarná-lo assim no homem, que volta à criança,

- porque esse homem será o primitivo ali, o que distorcerá tudo, desde o processo primário,

– assim como a criança vai brincar de subdesenvolvida, o que esconderá a verdade do que acontece durante a infância original.

Em resumo, o que Claude LÉVI-STRAUSS<sup>6</sup> denunciou como ilusão arcaica é inevitável na psicanálise, se não se mantém firme em teoria no princípio que acabamos de afirmar: que apenas um sujeito é recebido como tal, aquele que pode torná-lo científico.

Isso basta para dizer que sustentamos que a psicanálise não demonstra nenhum privilégio aqui. Não há "ciência do homem", que deve ser entendida no mesmo tom de "não há pequenas economias". Não existe "ciência do homem" porque o "homem" da ciência não existe, apenas seu sujeito.

Conhecemos minha repugnância ao longo da vida pelo termo "ciências humanas", que me parece ser o próprio chamado da servidão. Ainda bem que o termo está errado. Psicologia à parte...

quem descobriu os meios para sobreviver nos ofícios que oferece à tecnocracia, mesmo - como conclui, com um humor realmente Swiftiano, um artigo sensacional do Professor CANGUILHEM<sup>7</sup>, do qual não sei se ele está aqui - mesmo em um tobogã do Panteão para a Prefeitura da polícia. Assim como é ao

---

<sup>6</sup> Claude Lévi-Strauss: As estruturas elementares do parentesco, Paris-La Haye, Mouton, 1947. Walter De Gruyter 2002.

<sup>7</sup> Georges Canguilhem: "O que é psicologia? », conferência de 18 de dezembro de 1956, Cadernos para análise, 1966, n° 1-2.

nível da Seleção do criador da ciência, do recrutamento, da investigação e da sua entrevista, que a psicologia se depara com a armadilha do seu emprego.

...para todas as ciências desta classe será fácil ver que elas não fazem uma antropologia.

Quer examinemos LÉVY-BRUHL ou PIAGET, os seus conceitos - a chamada mentalidade pré-lógica, pensamento ou discurso supostamente egocêntrico - têm referências apenas à suposta mentalidade, ao pensamento presumido, ao discurso real do sujeito da ciência, não estamos a falar do "homem da ciência". Para que muitos possam perceber que:

- os limites mentais, certamente,

- a fraqueza do pensamento, presumida,

- o discurso atual é um pouco diferente do "homem da ciência", que não é de todo o mesmo [como "o sujeito da ciência"],

...vêm pesar suas construções, que sem dúvida não são desprovidas de objetividade, mas que só interessam à ciência na medida em que não contribuem nada sobre o mágico, por exemplo, e pouco sobre a magia, se é que alguma coisa sobre seus passos... E esses passos são de um ou de outro, pois não foi LEVY-BRUHL quem os rastreou.

Enquanto a avaliação no outro caso [Piaget] é mais severa, não nos diz nada sobre a criança, pouco sobre o seu desenvolvimento, pois falta o essencial, e da lógica que ele demonstra - refiro-me ao filho de PIAGET - em sua resposta às afirmações das quais a série constitui a prova, nada mais que aquilo que presidiu à sua enunciação para fins de prova, isto é, a do homem da ciência, onde o lógico - não nego - mantém seu preço.

Nas outras ciências válidas - mesmo que seus títulos precisem ser revisados - notamos que para se abster da "ilusão arcaica", que podemos generalizar no termo psicologização do sujeito, não prejudica de forma alguma sua fecundidade.

A teoria dos jogos - melhor chamada de "estratégia" - é um exemplo em que aproveitamos a natureza totalmente calculável de um sujeito reduzido à fórmula de uma matriz de combinações significativas.

O caso da linguística é mais sutil, pois deve integrar a diferença do enunciado na enunciação, que é de fato a incidência, desta vez, do sujeito que fala como tal, e não do

sujeito da ciência. É por isso que ela vai se concentrar em outra coisa, a saber, a bateria significante cuja prevalência se trata de assegurar esses efeitos de significação.

É também deste lado que aparecem as antinomias, equilibradas de acordo com o extremismo da posição adotada na constituição deste objeto. O que podemos dizer é que vamos muito longe na elaboração dos efeitos de linguagem, pois podemos construir uma poética que nada deve à referência ao espírito do poeta, mais do que à sua encarnação. É do lado da lógica que aparecem os diversos índices de refração da teoria linguística em relação ao sujeito da ciência.

Eles são diferentes para o léxico, para o morfema sintático e para a sintaxe da frase. Daí as diferenças teóricas entre um JAKOBSON, um HJEMSLEV e um CHOMSKY. É a lógica que atua aqui como o cordão umbilical do sujeito, e a lógica que não é lógica, ligada às contingências de uma gramática. É literalmente necessário que a formalização da gramática contorne esta lógica para se estabelecer com sucesso, mas o movimento deste esboço está inscrito neste estabelecimento.

Indicaremos mais adiante como se situa a lógica moderna: terceiro exemplo. É sem dúvida a consequência estritamente determinada por uma tentativa, como vimos no ano passado, de suturar o sujeito da ciência, e o último teorema de GÖDEL mostra que ele falha aí, o que significa que o sujeito em questão continua sendo o correlato da ciência, mas um correlato contraditório, pois a ciência se mostra definida pelo não resultado do esforço para suturá-lo.

Esta é a marca do estruturalismo, que não deve ser omitida. Ele introduz em cada ciência humana que ele conquista, um modo muito especial do sujeito, aquele para o qual não encontramos nenhum rastro além do topológico, vamos colocar o sinal gerador da banda de Möebius que chamamos de oito interior. O sujeito está, se é que podemos dizer, em exclusão interna ao seu objeto.

A fidelidade que o trabalho de Claude LÉVI-STRAUSS demonstra a esse estruturalismo não será creditada aqui à nossa tese apenas para se contentar, por enquanto, com a periferia. No entanto, é claro que o autor destaca ainda mais o alcance da classificação natural que o selvagem introduz no mundo...

especialmente por um conhecimento da fauna e da flora, que ele enfatiza que nos ultrapassa ...que ele pode argumentar - Claude LÉVI-STRAUSS, o autor - de uma certa

recuperação que se anuncia na química, de uma física de qualidades sábias e aromáticas, ou seja, de uma correlação dos valores perceptivos a uma arquitetura molecular à qual chegamos pela análise combinatória, ou seja, pela matemática do significante, como em qualquer ciência até agora.

Portanto, o saber está bem aqui, separado do sujeito segundo a linha correta que não supõe a insuficiência de seu desenvolvimento, o que, aliás, seria difícil de demonstrar.

Há mais! Claude LÉVI-STRAUSS... quando, depois de ter extraído a combinatória latente nas estruturas elementares de parentesco, ele nos testemunha que tal "informante" - para usar o termo de etnólogos - é perfeitamente capaz de desenhar ele mesmo o grafo de Lévi-Strauss ...o que ele está dizendo senão que extrai - também - o sujeito da combinatória em questão: aquele que em seu grafo não tem outra existência que a do ego denotativo.

Demonstrar a potência do aparato que constitui o mitema, analisar as transformações mitogênicas que nesta fase parecem estabelecer-se numa sincronia simplificada pela sua reversibilidade, Claude LÉVI-STRAUSS não pretende entregar a natureza do "mitante". Ele só sabe aqui que seu informante, se for capaz de escrever o cru e o cozido - exceto o gênio que coloca nele sua marca - também não pode fazê-lo sem sair do vestiário, ou seja, no museu do homem, ao mesmo tempo:

- um certo número de instrumentos operacionais, ou seja, rituais, que consagram a sua existência de um sujeito como mitante,

- e que com este depósito é rejeitado fora do campo da estrutura o que em outra gramática seria chamado de seu "parecer favorável", a gramática do parecer favorável do Cardeal NEWMAN<sup>8</sup>, seja rejeitado fora do âmbito da estrutura: não é sem força, esta escrita, embora forjada para fins execráveis e talvez seja necessário mencioná-la novamente.

O objeto da mitogenia, portanto, não está vinculado a nenhum desenvolvimento, nem está vinculado à prisão do sujeito responsável. Não é disso que ele está falando mas sobre o sujeito da ciência, e a afirmação será feita de forma ainda mais correta, pois o próprio informante estará mais perto de reduzir sua presença à do sujeito da ciência.

---

<sup>8</sup> John Henry Newman: Gramática da concordância, Paris, Desclée de Brouwer, 1986.

Só acredito que Claude LÉVI-STRAUSS terá reservas quanto à introdução, na coleta de documentos de um questionamento inspirado pela psicanálise, de uma coleção contínua de sonhos, por exemplo, com tudo o que ela manterá de relações de transferência.

Por quê? Se lhe afirmo que nossa práxis, longe de alterar o sujeito da ciência - da qual só ele pode e quer saber - não traz em lei nenhuma intervenção que não tenda a fazer o sujeito se realizar de forma satisfatória e precisa no campo que lhe interessa?

Isso significa, portanto, que um sujeito, não saturado, mas calculável, seria o objeto subsumidor - de acordo com as formas da epistemologia clássica - o corpo de ciências que seria chamado de conjectural, que eu mesmo me opus ao termo Ciências Humanas? Penso que é ainda menos indicado porque este sujeito faz parte da conjuntura que faz a ciência como um todo.

A oposição das "ciências exatas" às "ciências conjecturais" não pode mais ser apoiada a partir do momento em que a conjectura é capaz de um cálculo exato, probabilidade, por exemplo, e onde a precisão se baseia apenas em um formalismo que separa axiomas e leis de agrupamento de símbolos.

No entanto, não podemos nos contentar em observar que um formalismo é mais ou menos bem sucedido quando se trata do último termo para motivar sua preparação, que não surgiu por milagre, mas que se renova após crises tão efetivas desde certa linha reta parece-me ter sido levado para lá.

Repitamos que há algo no estatuto do objeto da ciência que não nos parece elucidado desde o nascimento da ciência.

E recordemos que, se - é claro - colocar agora a questão do objeto da psicanálise é retomar a questão que introduzimos a partir da nossa chegada a este fórum: da posição da psicanálise dentro ou fora da ciência, indicamos também que esta questão não pode ser resolvida sem, sem dúvida, modificar a questão do objeto na ciência enquanto tal.

O objeto da psicanálise - Eu anuncio a cor e vejam o que vem com ela - já que não é outro senão o que eu já adiantei da função que o objeto(a) desempenha nele: o saber sobre o objeto(a) seria então a Ciência da psicanálise?

É justamente a fórmula que deve ser evitada, pois esse objeto (a) deve ser inserido - já sabemos - na divisão do sujeito pelo qual o campo psicanalítico é muito especialmente estruturado - é a partir daqui que hoje recomeçamos.

E é por isso que era importante promover primeiro...

e como um fato a distinguir da questão de saber se a psicanálise é uma ciência, se o seu campo é científico

...este fato: precisamente que a sua práxis não implica outro sujeito que não seja o da ciência.

É necessário reduzir a este grau, o que me permitirá induzir por uma imagem como "a abertura do sujeito em psicanálise", para compreender o que ele recebe da verdade. Esta abordagem, como podem sentir, envolve esta sinuosidade que me vêm a ter de seguir, e que tem a ver com a domesticação.

Este objeto (a) não é silencioso, ou melhor, deve-se dizer, pode ser que não o deixe em paz, e pelo menos aqueles que mais têm a ver com isso: os psicanalistas que seriam então os que, de forma eletiva, tentarei corrigir com o meu discurso.

É verdade! O ponto em que marquei hoje para ser aquele em que deixei no ano passado: o da divisão do sujeito entre verdade e saber é para eles um ponto familiar, é aquele em que FREUD<sup>9</sup> convida-os sob a chamada:

“Onde estava, eu me tornarei.”

"Onde era Id, há de ser Eu" (Freud, 1933/2010a, p. 159). - Cia das letras

"Onde estava o id, ali estará o ego" (Freud, 1933/1996, p. 84). - Imago

o que retraduzo mais uma vez, para acentuar ainda mais aqui:

"Ali onde Isso estava, como sujeito o Eu(Je) deveria advir."

Agora, este ponto, eu lhes mostro a estranheza de levá-lo para trás, que consiste aqui, antes, em trazê-los de volta à sua frente :

Como o que sempre me esperava de um ser obscuro, viria a ser totalizado com uma linha que só pode ser traçada para dividi-lo mais claramente do que posso saber?

Não é apenas na teoria que surge a questão da dupla inscrição, por ter causado a perplexidade em que os meus alunos LAPLANCHE e LECLAIRE<sup>10</sup> poderiam ter lido

---

<sup>9</sup> S. Freud: 31ª das Novas conferências introdutórias sobre psicanálise, (1932), Paris, Gallimard 1984

<sup>10</sup> J. Laplanche e S. Leclaire: "O inconsciente: um estudo psicanalítico", VI colóquio de Bonneval, 1960, in O inconsciente, Paris, Desclée de Brouwer, 1966.

em sua própria divisão na abordagem do problema, sua solução. Ela não é, em nenhum caso, do tipo gestaltista nem deve procurar na placa onde a cabeça de Napoleão se encaixa na árvore<sup>11</sup>. É simplesmente no fato de que a inscrição não morde do mesmo lado do pergaminho, proveniente da placa de impressão da verdade ou do saber.

Que essas inscrições se misturem, era simplesmente para ser resolvido na topologia: uma superfície onde a frente e o verso são capazes de se juntar em todos os lugares, estava à mão. No entanto, é muito mais do que um esquema intuitivo, se me é permitido dizê-lo, para encerrar a análise no seu ser, que essa topologia possa captá-la.

É por isso que, se ele o deslocar para outro lugar, só pode estar num quebra-cabeça fragmentado, em qualquer caso, precisa ser trazido de volta com base nisso, razão pela qual não é em vão repetir que a prova da escrita "Penso, logo existo.", lê-se:

que o pensamento só funda o ser amarrando-se à fala, onde toda operação toca a essência da linguagem.

Se o "Cogito sum" nos é fornecido em algum lugar, por HEIDEGGER<sup>12</sup>, para os seus fins, deve notar-se que algebriza a sentença e temos o direito de destacar o seu resto: "cogito ergo", onde parece que nada se fala senão confiar na causa. Ora, esta causa é o que o soll Ich cobre, o "eu devo" da fórmula Freudiana, que, para inverter o seu significado, traz à tona o paradoxo de um imperativo que me impele a assumir a minha própria causalidade.

Je não é - no entanto - a causa do moi, e isto, de não ser a criatura: com Criador é o mesmo. Refiro-vos a este ponto a AUGUSTIN<sup>13</sup> e ao seu De Trinitate, no prólogo. A "causa de si" Spinoziana pode tomar emprestado o nome de Deus, é outra coisa. Mas deixemos isso a estas duas palavras que só vamos jogar para definir que ela também é algo diferente do todo, e que este Deus de ser outro assim, não é para todos que o Deus do panteísmo.

É necessário compreender neste ego que DESCARTES acentua a superfluidade da sua função em alguns dos seus textos latinos - um tema de exegese que deixo para aqueles que, aqui, podem dedicar-se a ela como especialistas. O ponto neste ego é encontrar

---

<sup>11</sup> As "árvores da liberdade" plantadas durante a Revolução foram chamadas de "árvores de Napoleão" sob o Primeiro Império.

<sup>12</sup> Martin Heidegger: ser e tempo (Parte I), Paris, Gallimard, 1964 (trad. Boehms & Waelhens);

<sup>13</sup> Santo Agostinho: De Trinitate, Paris, Vrin, 2000.

onde ele permanece para ser o que se dá a ser: dependente do Deus da religião. Uma curiosa queda do ergo: o ego está em solidariedade com este Deus.

Singularmente DESCARTES segue a abordagem de preservá-lo do Deus enganador, no qual é seu parceiro quem vence, já que o preserva a ponto de empurrá-lo para o privilégio exorbitante de só garantir as verdades eternas apenas por ser o seu criador.

Esta comunidade de destino entre o ego e Deus, aqui mascarada, é a mesma que o contemporâneo de DESCARTES, Angelus SILESIUS, profere de forma comovente nas suas adjurações místicas, e que lhes impõe - às suas adjurações - a forma do dístico.

Gostaria de recordar com vantagem, entre aqueles que me seguem, o apoio que assumi nestas formulações, as da Peregrinação<sup>14</sup> querubíca, para as encontrar novamente no próprio traço da Introdução ao narcisismo<sup>15</sup> que então prosseguia segundo o seu modo, o ano do meu comentário<sup>16</sup> sobre o Presidente SCHREBER. É que podemos mancar nesta articulação - é o passo da beleza - mas temos de mancar nela. E antes de tudo, diga a si mesmo que os dois lados não se encaixam.

É por isso que vou tomar a liberdade de deixar este ponto por um momento, para recomeçar com uma audácia que era minha e que só vou repetir, porque isso seria repeti-lo duas vezes: bis repetita, poderia dizer-se, no sentido correto ou este termo não significa mera repetição.

Trata-se da Coisa Freudiana<sup>17</sup>, um discurso cujo texto é o de um segundo discurso, do ser, do Tempo em que o repeti, pronunciado pela primeira vez - que esta insistência vos faça sentir na sua trivialidade, o contraponto temporal que a repetição gera. Pronunciado pela primeira vez, foi para uma Viena onde o meu biógrafo irá detectar o meu primeiro encontro com o que deveria ser chamado de "o nível mais baixo do mundo psicanalítico". Especialmente com um personagem cujo nível de cultura e responsabilidade correspondia ao exigido de um guarda-costas, mas não importava para mim, eu estava falando no ar, tendo desejado que fosse para o centenário do nascimento de FREUD que minha voz fosse ouvida em homenagem.

---

<sup>14</sup> Angelus Silesius : Cherubinischer Wandersmann, O Peregrino Querubínico, Michalon 2007.

<sup>15</sup> Sigmund Freud: Zur Einf Avermus (1914), Introdução ao narcisismo, em Obras Completas, volume XII, PUF, 2005.

<sup>16</sup> Jacques Lacan: O seminário, livro III, As Psicoses (1955 - 56), Paris, Seuil, 1981.

<sup>17</sup> Jacques Lacan: Escritos, Seuil, Paris, 1966, p.401. ou t1, Limiar, Coll. Pontos nº 5 p.398.

Isso não para marcar o lugar de um lugar deserto, mas esse outro que meu discurso agora circunda: que o caminho aberto por FREUD não tem outro sentido senão aquele que eu tomo: o inconsciente é linguagem. O que agora é adquirido já foi adquirido para mim, como sabemos.

Assim, num movimento, talvez lúdico, de ecoar o desafio de SAINT-JUST<sup>18</sup> para os céus, para a consagrar numa audiência de uma assembleia, a admissão de não ser mais do que "o que vai para o pó", diz ele "e quem fala contigo", veio a mim a inspiração que para ver no caminho de FREUD, ganhar estranhamente vida com uma figura alegórica e estremecer com uma nova pele a nudez com que aquela que sai do poço<sup>19</sup> se veste, eu ia lhe emprestar a voz.



---

<sup>18</sup> Saint-Just, 9 Termidor, perante a Assembleia: "Desprezo o pó que me compõe e vos fala. Podemos persegui-lo e fazer esse pó morrer! Mas desafio qualquer um a arrancar de mim esta vida independente que me dei nos séculos e nos céus. "

<sup>19</sup> Cf. Édouard Debat-Ponsan: A verdade saindo do poço, pintura de 1898, Museu de Amboise.

É uma prosopopeia<sup>20</sup>, vou poupar-vos, culmina nestas palavras: "Eu, a Verdade, falo..."<sup>21</sup> e a prosopopeia recomeça. Pense na Coisa inominável, que de poder pronunciar essas palavras, passaria ao ser da linguagem, para ouvi-las como deveriam ser pronunciado: em horror.

Mas toda a gente põe nesta revelação o que pode. Reconheçamos o drama abafado, embora não menos irrisório por tudo isso, do tempo que termina este texto, que encontrará no número ad hoc, primeiro do ano 1956 de a Evolução Psiquiátrica, sob o título A Coisa Freudiana. [Evolução Psiquiátrica, 1956, janeiro-março, pp. 225-252].

Não acredito que tenha sido a este horror experimentado que eu deva a recepção bastante fria que meu público deu à repetida entrega deste discurso, que este texto reproduz. Se ele estivesse disposto a perceber o valor da mesma, por sua vontade oblativa, sua surdez provou ser particular.

Não é que A Coisa - A Coisa que está no título - tenha chocado este público, não tanto quanto alguns dos meus colegas de bar na época...

Eu ouço falar de leme em uma jangada, onde por meio deles coabitei pacientemente por dez anos para subsistência narcisista dos meus companheiros naufragados com compreensão jasperiana e sem personalismo, com todos os problemas do mundo para nos salvar de sermos pintados com o coaltar do liberal "alma a alma".

...“a Coisa, esta palavra não é bonita...”, disseram-me textualmente!

Não nos estraga simplesmente esta aventura do fim da "unidade da psicologia", onde, é claro não pensamos em escolher: Fi! em quem podemos confiar? Pensamos que estamos "na vanguarda do progresso", camarada? Não nos vemos como somos, e muito menos para nos aproximarmos uns dos outros sob máscaras filosóficas. Mas deixe-nos...

Para medir o mal-entendido onde importa, ao nível da minha audiência naquela altura, tomarei um comentário que veio à tona naquele momento, e que poderíamos encontrar comovente pelo entusiasmo que supõe:

---

<sup>20</sup> Prosopopeia: figura retórica pela qual o orador ou o escritor faz falar e agir um ser inanimado, um animal, um ausente ou morto.

<sup>21</sup> Jacques Lacan: A Coisa Freudiana, em Escritos, p.401. ou T1, p.398.

"Por que - alguém colporta\*, e este termo ainda corre - por que ele não diz o verdadeiro sobre o verdadeiro?"

Isto prova o quanto meu pedido de desculpas e sua prosopopeia foram inúteis.

Empresto minha voz para sustentar estas palavras intoleráveis: "Eu falo a verdade..." passa a alegoria. Significa simplesmente tudo o que há para dizer sobre a verdade, a única, nomeadamente aquilo que há muito venho repetindo: que não existe metalinguagem, afirmação feita para situar todo o lógico-positivismo, de que nenhuma linguagem pode dizer a verdade sobre a verdade já que a verdade se baseia naquilo que ela fala e ela não tem outra maneira de fazer isso.

É por isso mesmo que o inconsciente - que diz O "verdadeiro sobre o verdadeiro" - está estruturado como uma linguagem e por que, quando ensino isso, digo o verdadeiro sobre FREUD, que soube deixar a verdade falar sob o nome de inconsciente.

Esta falta do "verdadeiro sobre o verdadeiro", que exige todas as quedas que a metalinguagem constitui naquilo que tem de pretensão e lógica, este é propriamente o lugar do *Urverdrängung*, recalque original, que atrai todos os outros, para não mencionar outros efeitos da retórica para os quais ... para o qual temos apenas o sujeito da ciência a reconhecer.

É por isso que utilizamos outros meios para superá-la. Mas é crucial que estes meios não ampliem o sujeito. O benefício deles, sem dúvida, está no que está escondido dele.

Mas não há outra verdade sobre a verdade para cobrir este ponto vívido, que os nomes próprios, FREUD ou o meu, ou então essas piadas sem graça das quais se devora um testemunho agora inefável: a saber, uma verdade da qual é o destino de todos recusar o horrível, senão mesmo esmagá-lo quando é irrecusável, ou seja, quando se é um psicanalista, sob esta pedra de moinho, da qual usei ocasionalmente a metáfora, para nos lembrar de outra boca que as pedras, quando necessárias, também podem gritar<sup>22</sup>.

Talvez eu tivesse razão em não encontrar a pergunta sobre mim: "Por que ele não diz...? Vindo de alguém cujo emprego nos escritórios de uma agência da verdade, tornava duvidosa a ingenuidade, e, portanto, por ter renunciado aos cargos que ele ocupou em minha agência, que não precisa de cantores para sonhar com uma sacristia...

---

\* Pessoa que colporta, que faz distribuição de literatura, geralmente religiosa de porta em porta. Vendedor de livros.

<sup>22</sup> Cf. Lc 19, 37-40: "Se eles se calarem, as pedras clamarão".

É necessário dizer que temos de conhecer outros saberes que não o da ciência, quando temos de lidar com a pulsão epistemológica? E para voltar ao que está em jogo: é admitir que temos que renunciar em psicanálise que "cada verdade tem seu próprio saber"? Este é o ponto de ruptura pelo qual dependemos do advento da ciência. Não temos nada mais a acrescentar a eles do que este sujeito da ciência.

Ele ainda nos permite fazê-lo, e entro ainda mais em seu comentário, deixando a minha Coisa para ser explicada por si mesma com o númeno\*, o que me parece ser feito em breve: uma verdade que fala tem pouco em comum com um númeno que, por memória da Razão Pura, a encerra.

Este lembrete não é sem relevância, já que o meio que nos servirá neste ponto - vocês me viram trazê-lo antes - é a causa, a causa não categórica na lógica, mas causadora de todo o efeito.

Vocês - psicanalistas - vão se recusar a aceitar a questão da verdade como causa, quando foi a partir dela que sua carreira surgiu? Se existem praticantes para quem a verdade como tal deve agir, não é você? Não duvide!

Em todo o caso, é porque este ponto está velado pela ciência, que se mantém este lugar surpreendentemente preservado naquilo que atua como esperança nesta consciência errante, acompanhada coletivamente pelas revoluções do pensamento. Que LÊNIN escreveu:

"A teoria de Marx é toda poderosa porque é verdadeira."<sup>23</sup>

ele deixa vazia a enormidade da questão que sua palavra abre: por que - supondo que a verdade do materialismo seja muda sob suas duas faces que são uma só: a dialética e a história - por que fazer dela uma teoria aumentaria seu poder?

Responder com "consciência proletária" e "ação do político marxista" não nos parece suficiente. Ao menos aí se anuncia a separação dos poderes da verdade como causa para

---

\* Númeno ou nóúmeno é um objeto ou evento postulado que é conhecido sem a ajuda dos sentidos. Na filosofia antiga, a esfera do númeno é a realidade superior conhecida pela mente filosófica. Também pode ser entendido como a essência de algo, aquilo que faz algo ser o que é. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Númeno>.

<sup>23</sup> Lênin: "As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo": "A doutrina de Marx é toda poderosa, porque é justa. É harmoniosa e completa; dá aos homens uma concepção coerente do mundo, inconciliável com qualquer superstição, com qualquer reação, com qualquer defesa da opressão burguesa. É o legítimo sucessor de tudo o que a humanidade criou de melhor no século XIX: a filosofia alemã, a economia política inglesa e o socialismo francês. É nessas três fontes, nessas três partes constituintes do marxismo, que nos deteremos brevemente."

o saber posto em prática. Uma ciência econômica inspirada no Capital não leva necessariamente ao seu uso como força de revolução, e a história parece exigir mais ajuda do que uma dialética predicativa.

Além deste ponto singular que não vou desenvolver hoje, é que a ciência, se olharmos de perto, não tem memória. Esquece os eventos dos quais nasceu quando foi constituída, em outras palavras, uma dimensão da verdade que a psicanálise traz à tona.

Devo esclarecer: sabe-se que a teoria física ou matemática após cada crise que resolve na forma ou no termo usado de "teoria generalizada" não pode de modo algum ser entendido como uma simples passagem para o geral, sabemos que muitas vezes mantém em sua classificação o que generaliza de sua estrutura anterior.

Portanto, não é isso que estamos a dizer, nem pretendemos. É o drama, o drama subjetivo que cada uma destas crises custa. Este drama é o drama do cientista, ele tem as suas vítimas, cujo destino não faz parte do mito de Édipo. Em todo o caso, trata-se de uma questão pouco estudada.

J.R.Von MAYER<sup>24</sup>, CANTOR... Não vou fazer uma lista desses dramas que às vezes levam à loucura, onde os nomes dos vivos logo seriam incluídos nela, onde considero que o drama do que acontece na psicanálise é exemplar. Afirmando que ele não pode incluir-se aqui, esse drama, no complexo de Édipo senão colocando-o em questão.

Vejam o programa que está a surgir aqui, não está pronto para ser percorrido, até o vejo bastante bloqueado. Empreendo-o com cautela e, por hoje, peço que se reconheçam nas luzes refletidas de tal abordagem.

Ou seja, vamos levá-los para outros campos, além da psicanálise, para reivindicar a verdade: magia e religião, as duas posições dessa ordem que diferem da ciência a ponto de termos sido capazes de localizá-las em relação à ciência:

- como uma ciência falsa ou menor, para a magia,
- como ultrapassando os seus limites, mesmo em conflito da verdade com a ciência, para a segunda.

Deve-se dizer que para o sujeito da ciência, ambos são apenas sombras, mas não para o sujeito do sofrimento com o qual estamos lidando.

---

<sup>24</sup> Julius Robert Von Mayer: físico alemão que em 1845 formulou o primeiro princípio da termodinâmica.

Ah, vamos dizer aqui:

"Ele está chegando! Qual é este sujeito sofredor, senão aquele de quem obtemos nossos privilégios, e que direitos lhe dão suas intelectualizações sobre ele"?

Vou começar, para responder ao que encontro, de um filósofo<sup>25</sup> recentemente coroadado com todas as honras da faculdade, ele escreve:

"A verdade da dor é a própria dor."

Esta declaração, que deixo hoje para o campo que ele explora... Voltarei a ele para dizer como a fenomenologia é um pretexto para a contraverdade, e o seu estatuto.

...a

proveito apenas para fazer a pergunta a vocês, analistas: sim ou não, o que estão a fazer faz sentido para afirmar que a verdade do sofrimento neurótico é ter a verdade como causa?

Agora proponho: por magia, parto desta visão que não deixa nenhuma dúvida sobre minha obediência científica, mas que se contenta com uma definição estruturalista.

Ela assume o significante respondendo como tal ao significante: o significante na natureza é chamado pelo significante do encantamento, é mobilizado metafóricamente. A Coisa na medida em que fala responde às nossas objeções, e é por isso que esta ordem de classificação natural que invoquei dos estudos de Claude LÉVI-STRAUSS nos permite vislumbrar em sua definição estrutural a ponte de correspondências pelas quais a operação eficiente é concebível no mesmo modo em que foi concebida.

No entanto, esta é uma redução que negligencia o sujeito. Todos sabem que o status do sujeito, do sujeito xamanizante, é essencial aí. Observemos que o Xamã, digamos em carne e osso, faz parte da natureza e que o sujeito correlato da operação deve se cruzar neste suporte corpóreo. É esse modo de sobreposição que é excluído do sujeito da ciência. Apenas seus correlatos estruturais na operação são identificáveis para ele, mas exatamente.

É de fato no modo dos significantes que aparece o que há de ser mobilizado na natureza: trovões e chuva, meteoros e milagres. Tudo aqui deve ser ordenado de acordo com as relações antinômicas em que a linguagem é estruturada. O efeito da demanda deve,

---

<sup>25</sup> Michel Henry: A essência da manifestação, Paris, PUF, 1963.

portanto, ser questionado por nós na ideia de testar se podemos encontrar nela a relação definida por nosso próprio grafo com o desejo.

Somente por este meio, para descrever melhor uma abordagem que não é um recurso grosseiro à analogia, o psicanalista pode qualificar-se como competente para dar sua palavra sobre magia. A observação de que é sempre magia sexual tem seu preço aqui, mas não é suficiente para autorizá-lo. Vou concluir com dois pontos para sua consideração:

- A magia é a verdade como causa em seu aspecto de causa eficiente.
- O saber se caracteriza não apenas por permanecer velado para o sujeito da ciência, mas por se ocultar como tal, tanto na tradição operativa como no seu ato. É uma condição da magia.

Trata-se apenas, sobre o que vou dizer agora da religião, de indicar a mesma abordagem estrutural, e sumariamente: é na oposição de traços estruturais que este esboço será baseado.

Podemos esperar que a religião assuma um estatuto um pouco mais franco na ciência?

Pois, há algum tempo, filósofos estranhos deram às suas relações a definição mais branda, sustentando-as fundamentalmente para serem implantadas no mesmo mundo onde a religião, a partir de então, tem a posição de envelopamento.

Para nós, neste ponto delicado, onde alguns gostariam de nos proteger da neutralidade analítica, fazemos prevalecer este princípio: que ser amigo de todos não é suficiente para preservar o lugar de onde temos de operar.

Na religião, a aposta anterior - a da verdade como causa - pelo sujeito, o sujeito religioso que é, é tomada numa operação completamente diferente. A análise do sujeito da ciência conduz necessariamente ao aparecimento dos mecanismos que conhecemos da neurose obsessiva. FREUD os viu em um flash que lhes dá um alcance além de qualquer crítica tradicional. Fingir calibrar a religião não pode ser inadequado.

Se não podemos partir de uma observação como esta:

que a função que a revelação desempenha se traduz como uma negação da verdade como causa, ou seja, que nega aquilo que funda o sujeito a participar nela

...depois, há poucas possibilidades de dar, ao que se chama "História das religiões", quaisquer limites, ou seja, algum rigor.

Digamos que o religioso deixa a cargo de Deus o encargo da causa, mas que ali corta seu próprio acesso à verdade, de modo que é levado a entregar a Deus a causa de seu desejo, que é propriamente o objeto do sacrifício. Seu pedido está sujeito ao suposto desejo de um Deus que deve, portanto, ser seduzido: por aqui entra o jogo do amor.

Assim, os religiosos colocam a verdade em um estatuto de culpa, o que resulta numa desconfiança do saber que é ainda mais sensível entre os Padres da Igreja, logo que estes se revelam mais dominantes em matéria de razão.

A verdade é aí referida para fins que são chamados de "escatológicos", isto é, que aparece apenas como a causa final, no sentido de que está relacionada com um julgamento do fim do mundo, daí o tom obscurantista que se refere a qualquer uso científico da finalidade.

Observei de passagem o quanto temos a aprender sobre a estrutura da relação do sujeito com a verdade como causa na literatura, dos Padres, mesmo nas primeiras decisões conciliares. O racionalismo que organiza o pensamento teológico não é de forma alguma, como o achatamento o imagina, uma questão de fantasia. Se há fantasia, é no sentido mais rigoroso de instituição de um real que encobre a verdade.

Não nos parece de modo algum inacessível ao tratamento científico que a verdade cristã tivesse de passar pela insustentável formulação de um Deus: Três e Um.

O poder eclesial aqui acomoda-se muito bem a um certo desencorajamento do pensamento. Antes de acentuar os impasses de tal mistério, é a necessidade da sua articulação que é salubre para o pensamento e contra a qual se deve medir. As questões devem ser tomadas ao nível a que o dogma tropeça na heresia, e a questão do Filioque<sup>26</sup> parece-me ser capaz de ser tratada em termos topológicos.

A apreensão estrutural deve ser antes de mais nada, e só isto permite uma apreciação exata da função das imagens. O De Trinitate tem aqui todas as características de um trabalho teórico e pode ser tomado por nós como modelo.

---

<sup>26</sup> Em 589, o Concílio de Toledo III acrescentou ao símbolo Niceno a cláusula do filioque: "Credo in Spiritum Sanctum qui ex patre filioque procedit" ("creio no Espírito Santo que procede do Pai e do Filho"), que expressa a doutrina segundo a qual o Espírito Santo procede do Pai e do Filho.

Se não fosse assim, aconselharia os meus alunos a irem expor-se - divirtam-se - ao encontro de uma tapeçaria do século XVI que verão impondo-se aos seus olhos assim que entrarem no Mobiliário Nacional<sup>27</sup> onde os espera implantados por mais 1 ou 2 meses.

As três pessoas representadas numa identidade de forma absoluta, que conversam entre si com perfeita facilidade às margens frescas da criação, são simplesmente agonizantes.



E o que uma máquina tão bem feita esconde quando se vê confrontada com o casal ADÃO e EVA na flor de seu pecado é muito provável que seja oferecido em exercício a uma imaginação da relação humana que não ultrapassa na prática a dualidade. Mas deixe meus ouvintes primeiro se armarem com Agostinho...



---

<sup>27</sup> “A criação do mundo”, exposição “O século XVI europeu”, Tapeçarias, Paris Mobilier National, de outubro de 1965 a janeiro de 1966. Catálogo da exposição publicado em 1965 em Paris pela Réunion des Musées Nationaux.

Assim, pareço ter definido apenas características das religiões da tradição judaica. Sem dúvida, eles são feitos para nos demonstrar seu interesse e não posso me consolar por ter desistido do estudo da Bíblia, da função do Nome do Pai<sup>28</sup>. Resta que a chave é uma definição da relação do sujeito com a verdade.

Penso que posso dizer que é na medida em que Claude LÉVI-STRAUSS concebe o budismo como uma religião do sujeito generalizado, isto é, como compreendendo uma diaframatização da verdade como causa, indefinidamente variável, que ele lisonjeia esta utopia ao vê-la de acordo com o reino universal do marxismo. Talvez se trate de prestar pouca atenção às exigências do sujeito da ciência e de depositar demasiada fé na emergência da teoria de uma doutrina da transcendência da matéria.

Quanto à ciência, não é de hoje que posso dizer o que me parece ser a estrutura das suas relações com a verdade enquanto causa, uma vez que o nosso progresso este ano deve contribuir para isso.

Vou abordá-lo com a estranha observação de que a prodigiosa fecundidade de nossa ciência deve ser questionada em sua relação com esse aspecto do qual A Ciência se apoiaria: que a verdade como causa, ela não gostaria de saber nada sobre ela.

Reconhecemos a fórmula de Verwerfung [foraclusão] que viria a ser acrescentada aqui, em série fechada, a Verdrängung [repressão], à Verneinung [denegação] cuja função na magia e na religião você reconheceu, eu acho, de passagem. Sem dúvida, o que dissemos sobre as relações de foraclusão com psicose, especialmente como a foraclusão do nome do pai ela vem aqui, aparentemente, para se opor a essa tentativa de identificação estrutural.

No entanto:

– se percebermos que uma paranoia bem-sucedida também pareceria o fechamento da ciência se fosse a psicanálise a ser chamada a representar esta função,

– se, por outro lado, reconhecermos que a psicanálise é essencialmente o que introduz, o que reintroduz na consideração científica o Nome-do-Pai,

...aqui não estamos mais avançados na aparência, pois encontramos o mesmo impasse que parece, mas temos a sensação de que, a partir deste impasse, estamos a fazer

---

<sup>28</sup> Lacan: “Os Nomes do Pai”. 20 de novembro de 1963, Paris, Seuil, 2005. (única sessão do seminário interrompido.)

progressos e que podemos ver o quiasma a desfazer-se em algum lugar, o que parece estar a impedi-lo.

Talvez o ponto atual onde esteja o drama do nascimento da psicanálise, e a artimanha que nela se esconde para brincar com a artimanha consciente, eles estão aqui para serem levados em consideração porque não fui eu quem introduziu a forma de paranoia bem-sucedida<sup>29</sup>.

Naturalmente, terei de indicar que a incidência da verdade como causa na ciência deve ser reconhecida sob o aspecto da causa formal, mas será para esclarecer que a psicanálise, por outro lado, acentua o aspecto da causa material.

Tal é propriamente a sua originalidade na ciência. Essa causa material é propriamente a forma de incidência do significante que eu defino lá. Através da psicanálise, o significante é definido como atuando primeiro separado de seu significado.

É a figura, o carácter literal que a configuração copulatória desenha quando, surgindo fora dos limites da maturação biológica do sujeito, se imprime, sem poder ser o signo a articular eficazmente a presença do parceiro sexual, ou seja, o seu signo biológico. Lembremo-nos das nossas fórmulas que diferenciam o significante e o sinal<sup>30</sup>.

Basta dizer de passagem que na psicanálise a história é outra dimensão que não a do desenvolvimento, e que é uma aberração tentar resolvê-la ali: a história só continua com o pano de fundo do desenvolvimento. Um ponto a partir do qual a história, como ciência, pode ter de lucrar se quiser escapar às garras sempre presentes de uma concepção providencial do seu curso.

Em suma, aqui encontramos o sujeito do significante como o articulamos no ano passado: transmitido pelo significante em sua relação com o outro significante, deve ser distinguido severamente, tanto do indivíduo biológico quanto de qualquer evolução psicológica subsumível como sujeito de compreensão.

Esta é - colocado em termos mínimos - a função que atribuo à linguagem em teoria.

Parece-me ser comparável a um materialismo histórico que deixa um vácuo.

---

<sup>29</sup> Cf. S. Freud: "Tive sucesso onde o paranoico falha." Carta a Ferenczi, outubro de 1910, em o sabor da psicanálise.

<sup>30</sup> Escritos p.875

Talvez a teoria do objeto(a) encontre seu lugar aqui também. Essa teoria do objeto(a) é necessária, como veremos, para uma correta integração da função da causa, no que diz respeito ao sujeito do saber e da verdade.

Você deve ter reconhecido de passagem, nos quatro modos de sua refração que acabamos de listar, o mesmo número e uma analogia de fixação nominal, que podem ser encontrados na Física de Aristóteles. Isto não é por acaso, uma vez que esta física não deixa de ser marcada por um logicismo que ainda conserva o sabor e a sapiência de um gramatismo original.

Τοσαῦτα γὰρ τὸν ἀριθμὸν τὸ διὰ τί περιείληφεν<sup>31</sup> pergunta ele.

Continuará a ser válido que a causa seja exatamente a mesma para nós polimerizarmos?

Esta exploração não pretende apenas dar-lhe a vantagem de uma abordagem elegante das molduras que escapam em si mesmas à sua jurisdição - significando: magia, religião, como até mesmo ciência - mas sim para lembrá-lo de que, como sujeito da ciência psicanalítica, é à solicitação de cada um desses modos de se relacionar com a verdade como causa, que você deve resistir.

Mas isso não é no sentido em que a ouvirá primeiro: a magia é apenas uma tentação para nós, até que faça dos seus personagens a projeção sobre o sujeito de que está a tratar para a psicologizar, isto é, ignorá-la.

O chamado "pensamento mágico" - que é sempre do outro - não é um estigma com o qual se possa fixar no outro.

É tão válido no próximo como em si mesmo, dentro dos limites mais comuns: é sobre o princípio da menor transmissão de ordem. Simplificando, o uso do pensamento mágico não explica nada, o que precisa ser explicado é sua eficiência.

Para a religião, deve antes servir-nos de modelo a não ser seguido na instituição de uma hierarquia social onde se conserva a tradição de uma certa relação com a verdade enquanto causa. A simulação da Igreja Católica, que se reproduz cada vez que a relação com a verdade como causa chega ao social, é particularmente grotesca numa determinada internacional psicanalítica pela condição que impõe à comunicação.

Preciso mesmo dizer que na ciência, ao contrário da magia e da religião, o saber é comunicado?

---

<sup>31</sup> Aristóteles: física, segundo livro, Capítulo VII (') ,1 : "Mas existem causas, e tantas quanto o número que vemos, nós o fazemos; pois esse é o número para o qual foi incluído." É óbvio que existem causas, e que o número dessas causas é de fato como estabelecemos, uma vez que a busca da causa abrange precisamente esse número de questões.

Mas deve-se insistir que não é apenas porque é usual, mas que a forma lógica dada a este saber inclui a modalidade de comunicação como sutura do sujeito que ela implica.

Este é o principal problema levantado pela comunicação na psicanálise: o primeiro obstáculo ao seu valor científico é que a relação com a verdade como causa em seus aspectos materiais permaneceu negligenciada no círculo de sua obra.

Concluirei retomando o ponto de onde parti hoje: divisão do sujeito? Este ponto é um nó.

Recordemos onde Freud o abre: nessa falta do pênis da mãe onde se revela ao sujeito, a natureza do falo.

O sujeito divide-se aqui - nos diz FREUD - no lugar da realidade, vendo ao mesmo tempo o abismo ali aberto contra o qual se defenderá com uma fobia e, por outro lado, cobrindo-o com esta superfície onde erguerá o fetiche, isto é, a existência do pênis como mantido, embora deslocado.

– Por um lado, extrair o “não...” do “não pênis”, colocar entre parênteses, para transferi-lo para o “não saber” que é a etapa de hesitação da neurose.

– Por outro lado, reconhecamos a eficácia do sujeito neste gnômon\* que ele erige, para lhe designar em todos os momentos o ponto da verdade, revelando do próprio falo que nada mais é do que esse ponto de falta que ele indica no sujeito.

Este índice é também o que nos aponta para o caminho onde queremos ir este ano, ou seja, para onde você mesmo está se retirando no que essa falta - como os psicanalistas - suscita.

---

\* O gnômon ou gnómon é a parte do relógio solar que possibilita a projeção da sombra. Considerado, provavelmente, o primeiro instrumento utilizado para indicar a hora do dia, data aproximadamente de 3500 a.C.

8 de dezembro de 1965

Da última vez, ouviram de mim algum tipo de lição que não se parecia com as outras porque, ao que parece, foi inteiramente escrita. Foi inteiramente escrita com o propósito de ser dada o mais rapidamente possível a uma espécie de impressão chamada "monotipia" e que vocês podem tê-la como referência, dado o meu ensino.

Alguns manifestaram um certo pesar, digamos uma decepção. A questão é que devemos parar por aí. Para o dizer de uma forma humorística, direi que a forma como esta decepção foi expressa foi algo em torno disso - eu insisto um pouco: preferimos esse tipo de "luta", ao que parece, isto é, assistir - não me atrevo a dizê-lo - ao "nascimento" do meu pensamento.

Eles pensam que o meu pensamento nasce quando lá estou eu a conspirar com algo que está longe de ser bem assim. Como todos os outros, é com a minha palavra que me explico. Isso prova, é claro, que ela se formou em outro lugar.

Além disso, podem ter ouvido falar do meu cogito...

o que não significa, aliás, que esteja de alguma forma em contradição com o cogito de DESCARTES

...preferia ser: "penso, logo deixo de existir."

Assim como não deixo de existir, como podem ver, isso prova que eu tenho menos razões do que outros para acreditar em meu pensamento. No entanto, é certo que é disso que estamos tratando. É isso que não facilita as relações com aqueles a quem se dirige especialmente, isto é, os psicanalistas.

E o fato de os comentários anteriores terem chegado a mim, repito, com um toque de humor, principalmente da parte deles, prova bem - o que se confirma - que é também do seu lado que eles preferem o que eu chamaria o lado numérico desta exposição.

Não facilita o relacionamento ...

É também sob esse ponto de vista que devemos entender o fato de eu ter acreditado por diversas vezes, em minha última apresentação, que deveria aludir ao que constitui um certo período de minhas relações com psicanalistas, e por exemplo que falei do que chamo A Coisa freudiana ou este ou aquele outro ponto análogo. Estes não são o que ouvi descritos como lembretes vazios de um passado.

Isto é bastante curioso para os analistas, uma vez que este passado é também, estritamente falando, parte de uma história, no sentido de que tentei da última vez esclarecer o que é para nós a história, lhe damos uma contribuição essencial, mostrando o que é sobre a fratura, o trauma, algo que é especificado nos tempos do significante, e que seria realmente ignorar completamente a função que - e como eu, da última vez, afirmei - se eu não tentasse de alguma forma, incluir no que ensino, o que registro e observo dos efeitos dele, e especialmente no que diz respeito ao que acontece com aqueles a quem é dirigido.

É por isso que, na medida em que estamos avançando este ano em torno de um ponto radical, não pode ser que este acaba não destacando algo que deve dar a chave para a passagem, ou não, do meu ensino e para onde ele deve ir. Deve haver alguma relação estreita entre o que podemos chamar de suas fases, ou suas próprias dificuldades - para chamar as coisas pelo nome - e o que exatamente pude dizer e avançar a respeito do sujeito, na medida em que ele está dividido entre verdade e saber.

Da última vez, porém, não intitulei esse discurso de “debate cortês entre verdade e saber”. Eu falei sobre o sujeito da ciência e não do saber. É de fato aí que jaz alguma coisa, da qual eu também disse que há algo que manca, ou seja, que não se encaixa, de forma que não é adequada e nem fácil.

É por isso que esta lição, esta palestra, tem o verdadeiro título "O sujeito da ciência", mas uma vez que deve ser colocado à venda, a lei de um objeto vendável é que o rótulo cobre o que eu chamo de bens, e uma vez que é obviamente sobre ciência, por um lado, e a verdade, por outro...

desde que você coloque o "e" entre os parênteses que ele merece, ou seja, que é um termo que não tem nenhum significado unívoco, que pode muito bem incluir a assimetria, a estranheza da qual falei anteriormente.

... A Ciência (e) a Verdade será o título desta palestra, ou se você quiser: A ciência, a verdade.

O que há nesta exposição é tão importante pelo que deixa em branco quanto pelo que contém. Na enumeração de várias fases, vários tempos, da verdade como causa, você verá que se as fases chamadas "causas eficientes" são produzidas e "causas finais", deixei no discreto suspense do que então se chamaria "debate entre psicanálise e ciência" o jogo de relações entre "causas materiais e formais". Isso é o que vamos ter que abordar hoje.

No que é obtido como efeito daquilo que ensino, na prática daqueles que o recebem, posso notar uma certa tendência, uma certa inclinação, que é aquela - curiosa consequência - da forma singularmente estrita que estou tentando dar ao termo sujeito, e que resulta em uma frouxidão singular, propriamente aquela que poderia ser qualificada fora e de acordo com o uso comum desse termo como subjetivismo.

Ou seja, cada um por sua vez, e também de acordo com não sei o que é atual...

pode estar na moda, por exemplo, estar um pouco atrasado na moda

... teria que usar como referência na posição que assume na atividade analítica sucessivamente:

- de ser e ter,

- desejo e demanda - não os digo na ordem em que os escolhi,

- ou mesmo até o último termo: saber e verdade.

Esta é uma forma de fuga...

se posso dizer: espero que seja apenas mítico, aproximado, que estou apenas designando e apontando para uma tendência

...esta é de fato uma das formas mais radicais de fuga daquilo que posso tentar obter pois, que sentido teria esta formulação que dou, da função do sujeito como corte...

deixando talvez uma certa indeterminação, em sua escolha no início, mas uma vez feita, absolutamente determinante

...se não fosse precisamente uma questão de obter uma certa acomodação da posição do analista a este corte fundamental que é chamado de o sujeito?

Aqui - somente aqui - como idêntica a este corte, a posição do analista é rigorosa. É claro que não é sustentável! Não fui eu quem o disse primeiro, foi FREUD, que não tinha dúvidas sobre isso. É por isso que, para ocupar seu lugar, os analistas não o sustentam. A rigor, não há necessidade de remediar isto, mas há necessidade de conhecê-lo, o que pode ser uma forma de contorná-lo.

Aqui é revelada a diferença que existe entre o Wirklichkeit\*, ou seja, a possível realização das minhas relações com o psicanalista, desde que ele me deixe no lugar onde estou e onde tento comprimir um certo tipo de fórmulas, e o realität que é além de impossível, é o que determina o nosso fracasso comum.

Isso é o que nem todo fracasso é - como foi ensinado e continua a ser acreditado, ou seja, no nível mais assustador do pensamento analítico - nem todo fracasso é um mau sinal. A falha pode ser precisamente o sinal de fratura onde se marca a relação mais próxima com a realidade.

Isso motiva e justifica - direi rapidamente em duas palavras - por que preciso fechar metade dessas quartas-feiras. O que isso significa? E por que escolhi este ano para escolher as pessoas que serão convidadas a participar?

É por esta razão muito simples: que ao nível do estudo desta Wirklichkeit existe um lado desenhado, um lado de troca direta, um lado da "bola passada" do discurso, que só pode ser concretizado em certas condições de escolha, de dosagem entre os diferentes tipos de participantes: aqueles que têm minha palavra para fazer uso analítico e aqueles que me mostram que podemos muito bem segui-lo em toda a sua coerência e rigor até onde ele for.

Que, como é óbvio - é de esperar - se a práxis analítica merece esse nome de  $\pi\rho\tilde{\alpha}\xi\iota\varsigma$  [práxis] ela se insere em uma estrutura que é válida, mesmo fora de sua prática atual.

- As ciências da ação:  $\pi\rho\tilde{\alpha}\xi\iota\varsigma$  [práxis], da ação autêntica (onde o fim é imanente ao ator): auto-realização, busca do "Bem": "...a ação propriamente dita  $\pi\rho\tilde{\alpha}\xi\iota\varsigma$  [práxis].

---

\*Na língua portuguesa Wirklichkeit e realität se traduzem por realidade, mas durante o parágrafo Lacan diferencia as duas palavras para a língua alemã.

Para que haja, no sentido próprio, ação, a atividade deve, de fato, ter em si mesma seu próprio fim, e, portanto, o agente, no exercício de seu ato, é diretamente beneficiado pelo que ele faz. Por exemplo, na atividade moral, o agente, ao se 'informar', produz um valor que ele pode usar ao mesmo tempo." (J.P. Vernant - "Psychological Aspects of Work in Ancient Greece" in *La Pensée*, 66 (1956), pp. 80-84)]

- As ciências de produção: ποιησις (τέχνη) [poesia (técnica)] onde a ação é imperfeita porque está subordinada a fins externos ao agente, onde o trabalho - ἔργον - se torna externo a ele: "No final, o trabalho artesanal aparece como pura rotina, a aplicação de receitas empíricas para fazer um material conforme a um modelo cuja natureza é dada a conhecer de fora pelas indicações ou ordens do usuário. Submetido a outros, tendendo para um fim que o excede, como seria sentida a ποιησις [poesia] do artesão como um curso de ação genuíno? Para distingui-la da atividade genuína, de πράξις [práxis], Aristóteles a chama de mero movimento: κινησις. Movimento que implica uma imperfeição: correndo atrás de um fim que está além dele, ele não possui em si ἐνέργεια: o ato". (J.P. Vernant, op. cit.).]

É, pois, necessário que se estabeleça uma possibilidade de intercâmbio a nível do qual, por exemplo, os termos que estão a surgir, que facilitam a este nível de conhecimento comum, a utilização de certos termos essenciais para esta parte da nossa práxis que se chama teoria e, por exemplo, essa coisa - não estou a dizer... Não tenho ideias preconcebidas que possam ser colocadas na ordem do dia aqui - o que, por exemplo, nos mostra o que os estóicos, já conseguiram abordar de nossa verdade, que se encontram

– por um lado, para nos fornecer referências essenciais ao nível da lógica que têm esse interesse de sermos um ramo comum para o uso mais moderno que se faz da lógica por um lado,

– e, por outro lado - o que aparecerá nas minhas lições este ano e que não é uma novidade para o analista, exceto que não é assim que ele a formula - o que está corporalmente implícito nessa lógica.

Pois não basta lembrar que estamos falando na análise sobre a imagem do corpo. Imagem de quê? Imagem flutuante, bexiga, balão, que capturamos ou que não capturamos. Precisamente a imagem do corpo funciona apenas analiticamente de forma parcial, ou seja, implicada, cortada, no corte lógico.

Portanto, talvez seja interessante saber que para os estóicos, Deus, [...], a alma humana, e também tudo no mundo, incluindo determinações de qualidade - tudo, com exceção de alguns pontos cujo mapa será interessante de notar - era corpóreo.

São lógicos para os quais tudo é um corpo. Não estou a dizer que se trata de um estudo ao qual não poderíamos preferir outro melhor, poderíamos também estudar por que razão Aristóteles perdeu completamente a questão da "causa material", porque a matéria, no final, para ele, não é uma causa, uma vez que é um elemento puramente passivo.

Podemos levar as coisas para onde quisermos, se tivermos uma práxis como a nossa, temos de recorrer sempre às pontas afiadas. Portanto, só esta escolha pode ser feita em comum, uma vez que é uma escolha muito especial e não posso permitir que se espalhe - o que certamente aconteceria com o gosto pelos rótulos - que vos prego uma psicanálise estóica. Assim, tentaremos desenvolver estas coisas de uma escolha comum para um trabalho eficaz. Penso que o melhor sistema é a realização de um trabalho que possa ser comunicado a todos, a todos aqueles que aqui estão, que me honrarão, espero eu, de continuar a assistir às duas primeiras quartas-feiras.

Terminadas estas observações, que aliás não são destituídas de interesse pelos pontos que as fizeram emergir no meu discurso, esse lembrete de uma certa questão sobre a causa ou sobre o que deve ser entendido por matéria, eu retomo isso, é que...

– se meu ensino tem um significado,

– se for coerente com o estruturalismo que destaca,

– se tem conseguido continuar e crescer de ano para ano,

...parece-me que é perfeitamente normal considerar que ele foi favorecido nisso em que a formulação estruturalista em que se baseia...

lembre-se - aqueles que podem - meu primeiro grafo construído por um ano inteiro, pacientemente, lembre-se deste primeiro grafo, esta relação de rede das funções determinantes da estrutura da linguagem e do campo da fala<sup>32</sup>.

...se esta estrutura de rede, por exemplo, tem uma vantagem, é precisamente pertencer - a primeira palavra que me aparece é "mundo", mas utilizo-a rapidamente para me fazer ouvir - para um mundo topológico, ou seja: onde as ligações não se perdem, porque o fundo é deformável, flexível, elástico - isto não é novo, mesmo as pessoas rebeldes entenderam muito bem do que se tratava - de modo que é isso que permite que o edifício não entre em colapso, não se desfaça, devido às modificações das proporções da métrica do todo.

Quando introduzo novos termos, e - como mencionei antes - depois de ser e ter, falo de desejo e demanda, trata-se de perceber onde a estrutura os conecta - esses quatro termos - entre si. Não me parece que seja, estritamente falando, impossível.

À direita, há um lembrete de quatro dessas redes estruturais. Primeiro debaixo do seu nariz:

– o furo que designa o que vou falar hoje.

– Então você tem o grafo, o grafo de dois andares e a função da fala na medida em que há uma diferença entre a enunciação e o enunciado.

---

<sup>32</sup> Cf. J. Lacan: "função e campo da fala e da linguagem..." "Escritos, p237 e Seminário 1957-58: as formações do inconsciente, Paris, Seuil, 1998.



Um campo onde aqueles - não tão raros - que me leram, embora eu nunca tenha aprendido nada sobre isso, foram capazes de buscá-lo no início de um artigo chamado De uma questão preliminar a qualquer possível tratamento da psicose<sup>33</sup>.

É realmente muito impressionante que, desde a época, já há quatro anos, que eu coloquei no quadro para o meu público psicanalítico, precisamente o ano do meu seminário sobre identificação<sup>34</sup>, o esquema topológico do que é chamado de plano projetivo, do que eu introduzi sob o termo cross-cap neste momento do meu ensino, que nunca ocorreu a ninguém perceber que a banda de Möbius - voltaremos a ela mais tarde - que pode ser cortado neste plano projetivo com um resto - diremos qual deles - que a banda de Möbius aí inscrita, que há muito tempo os espera, deve ser dito, mas, finalmente, não podemos culpar ninguém por não ter adivinhado, no entanto, as letras que eu tinha escrito, M-I-m-i, não é para o prazer de fazer mimi\* que eu as coloquei lá.

Talvez possam fazê-lo suspeitar de algo, ou seja, da função de aplicação que estou a dar à banda de Möbius para fazer compreender o que se trata do ponto de corte constituinte da função de sujeito.

Na parte inferior - a propósito, para aqueles que terão todo o gosto em retomá-lo hoje - há um novo pequeno grafo que vos estou a dar como objeto de reflexão, que é estritamente útil para compreender as relações daquilo a que chamei, e que continuou a operar, como significante, com o que será especialmente útil para nós considerar este ano, o seu funcionamento naquilo que não é apenas linguagem, da qual vos disse que não existe metalinguagem, o que implica que aquilo que, naturalmente, se apresenta como tal: a lógica - o que é a lógica, senão precisamente uma tentativa de metalinguagem? - essa lógica é apenas uma queda dela, e que ela apenas concebe, toma e esconde para considerá-la como tal.

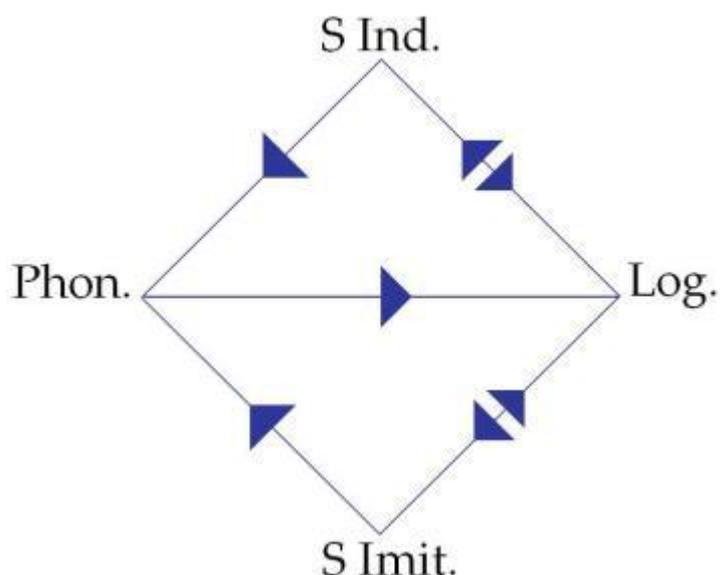
É por isso que neste diagrama abaixo:

---

<sup>33</sup> escritos, p 553 ou T2 p 31.

<sup>34</sup> sessão de 23-05-62

\* Mimi é uma gíria de mignon (fofo). É geralmente usado para falar com bebês.

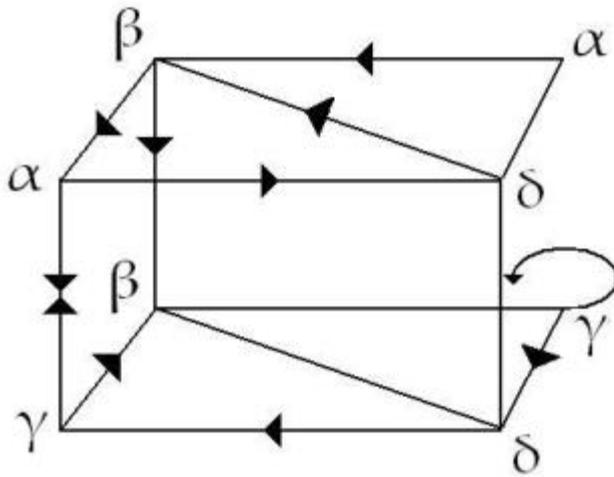


- Vocês tem no ponto esquerdo - algo que eu escrevi "phon" ou fonema - o elemento fonemático adequado do significante. - É formado por algo que aparece nos dois polos, inferior e superior, como um símbolo indicativo, que posso apresentar agora, já que no ano passado pude mostrar-lhes qual é este termo de indicação em sua função central. O tipo é o shifter. O que é essencialmente indicado é sempre mais ou menos o furo do sujeito, do sujeito da enunciação<sup>35</sup>.

- Na borda inferior, o símbolo - mas talvez o termo o surpreenda, e é precisamente que só posso introduzi-lo em toda a sua crueza neste ponto de elaboração, porque então não domina tudo, não tira tudo: o símbolo imitativo. - É isso que compete no fonema, e o fonema remete-o para o polo da combinação lógica que deve ser inserida no final da linha horizontal à direita.

A relação deste resultado lógico com os índices e os termos lexicais dos quais posso, a partir de agora, admitir muito bem que permitem elementos de imitação, a sua relação é toda a questão da lógica, pois a lógica é constitutiva da ciência. Isto não altera o fato de não existir metalinguagem.

<sup>35</sup> Seminário 1964-65: "problemas cruciais... ", sessões de 03-03, 05-05-1965.



O pequeno diagrama na parte superior é para recordar de que na entrada de um artigo chamado *A carta roubada*, você tem uma certa série de concatenações concernentes à cadeia significativa<sup>36</sup> que talvez esclareçam um pouco mais - mas das quais não posso dizer que até agora eles tiveram uma grande virtude iluminadora - que irão lançar um pouco mais de luz sobre o que vamos passar agora. E então?

Trata-se de partir do sujeito, o sujeito da ciência, como pensávamos que poderíamos apontá-lo nesta experiência de DESCARTES, um sinal de um ponto de desvanecimento, mas também no esforço lógico de FREGE pelo qual ele nos indica onde o 1 deve surgir, se quisermos dar o fundamento puramente lógico, isto é, corretamente ao nível do objeto zero<sup>37</sup>.

Estas duas recordações do ano passado não são suficientes para tornar surpreendente e significativa para o público que encontro, que tal - e o melhor - se tenha mostrado surpreendido com a ênfase que coloquei durante a minha última apresentação, sobre o sujeito da ciência.

Estas não são observações vãs: para estudar o que é sobre certa surdez, momentânea além disso, precisamente porque somos freudianos, não estamos absolutamente satisfeitos com o termo escotomização, ou seja, que para nós o furo - e pelas melhores razões - não pode ser percebido.

<sup>36</sup> Escritos, p 48 - 50 ou seminário 1945 - 55: "o eu ...", sessão de 26-04-1955

<sup>37</sup> Seminário 1964-65: "problemas cruciais...", sessões de 20-01, 03-03-1965. G. FREGE: fundamentos da aritmética. Paris, Seuil, 1970.

Isto é, a rigor, uma besteira sobre a qual, além disso, muito tem sido construído: toda a psiquiatria inglesa, durante vários anos, falou apenas de alucinações negativas. Que estão estruturadas de outra forma, e que para isso basta ler o artigo que FREUD fez expressamente para mostrá-las, e que se chama Fetischismus [1927], no qual a Spaltung, a divisão da própria realidade, consiste no sujeito conhecido como perverso na ocasião.

É por isso que é interessante apontar tais observações, tais acidentes, na medida em que estou feliz - não me pareceu uma felicidade para meu querido e falecido amigo, Maurice Merleau-Ponty, que preferiu pensar que eu estava coletando, na mesma tarde do dia em que tive que me expressar em Sainte-Anne, que eu estava coletando as várias desordens de meus próprios ouvintes - pelo contrário, vejo nele, tanto para eles quanto para mim, muitas vantagens.

Então, vamos começar novamente a partir do furo. Há muito, muito tempo, venho dando ao furo sua função essencial no funcionamento da ordem simbólica.

Preciso lembrá-los de uma certa reunião, congresso, encontro - o que vocês quiserem - que aconteceu em Royaumont, e onde, tendo feito um relatório sobre A direção da cura<sup>38</sup>, e tudo o que segue... os princípios do seu poder ... Eu não falei com eles - porque era necessário mudar o disco, uma vez que o discurso já estava impresso - Não falei com eles, para espanto de um jornalista que lá entrou não sabemos por qual porta, só lhes falei do "pote de mostarda", a partir deste fato de experiência que mais uma vez se confirmou no almoço, que o pote de mostarda está sempre vazio.

Não há exemplo de abrir um pote de mostarda e encontrar mostarda nele. Este pote de mostarda é a criação simbólica por excelência e isso todos sabem há muito tempo. Se não houvesse seres que falam haveria talvez buracos no mundo, poças, depressões, coisas que retêm, não haveria vaso.

Estaríamos errados em acreditar que é à toa que faz parte dos primeiros relevos - e essenciais para encontrar - da civilização para nós. A cerâmica, depois os vasos de bronze, a quantidade prodigiosa destas coisas que encontramos! E isso é tudo o que resta, ainda deve nos fazer pensar sobre isso e muito mais! Bem, não basta puxar as orelhas para fazê-lo ouvir... você tem que acreditar.

---

<sup>38</sup> escritos, P. 585; ou T. 2 p. 62

Claro que houve outras coisas antes... O primeiro depósito histórico - tem um belo nome em dinamarquês<sup>39</sup> mas não consigo pronunciar - é um monte de lixo. Então aí temos o objeto (a)!

E o vaso não é um objeto(a). Tem sido usado por muito tempo para expressar algo. O que é isso? Isto é uma lição de teologia? Deus, o grande operário:

"Da mesma forma - nos é dito no catecismo - que é preciso um oleiro para fazer um vaso, portanto...".

Porque não aproveitamos ao máximo! Porque não diz nada do que quer nos convencer. O que isso nos diz? Deus creavit mundum... e a continuação...ex nihilo. [Ver Gênesis: "Mundum, ex nihilo creavit Deus"] O que isso significa? Isso significa que o vaso é feito ao redor do furo, que o que é essencial é o furo.

E porque é essencial que seja o furo, a declaração judaica de que Deus fez o mundo do nada é, a rigor - KOYRÉ<sup>40</sup> pensou, ensinou e escreveu - o que abriu o caminho para o objeto da ciência.

Estamos enredados, permanecemos colados a todas as qualidades, sejam elas quais forem, desde a força, o impulso, a cor, o que quer que se queira, até à percepção, em suma, ao pedaço de giz ao qual a descendência socrática ficou presa como moscas em papel cola durante dois mil anos - nomeadamente LAGNEAU e ALAIN - para especular sobre a aparência.

Então, esta aparência? Bem, temos de ver como isso também é realidade. É com isso que a filosofia e a ciência, uma em relação à outra, tomaram tangentes sólidas. Então?

Acho que posso lhes dizer agora mesmo. O pedaço de giz se torna um objeto de ciência a partir do momento - e do momento - que você começa a partir deste ponto, que consiste em considerá-lo como faltante. É isso que tentarei transmitir de imediato. Mas neste momento, não quero perder a oportunidade de grampear na passagem o que

---

<sup>39</sup> Kjökkenmödding: Uma massa de conchas geralmente resultante do consumo de moluscos durante um longo período de tempo (e associada a vários objetos e às vezes carvão vegetal) pelas populações Mesolíticas e Neolíticas do Báltico, Escócia, França, Portugal, etc.

<sup>40</sup> A. Koyré: Do mundo fechado ao universo infinito, Paris, Gallimard, 1988.

significa "a causa material". Se você é um filósofo, ARISTÓTELES lhe diria que a matéria é mostarda, ou seja, o que preenche o vazio<sup>41</sup>.

ARISTÓTELES, que, no entanto, foi tão bem orientado na sua concepção de espaço, está muito longe desta extensão terrivelmente escorregadia que é o verdadeiro problema, para sempre descansar, no nosso progresso nas ciências físico-matemáticas.

Isto significa que "a causa material" é o pote, uma criação indiscutivelmente divina como qualquer criação da palavra, e ao que é estritamente reduzido o que é dito no texto do Gênesis?

Mas não! E esta é a observação que queria assinalar de passagem. Potes, encontramos montes deles, eu lhes disse antes, e nos túmulos, onde quer que reinem as chamadas culturas primitivas.

Bem, para fins muito específicos, ou seja, que os futuros colecionadores não podem dar-lhes como vasos de flores à sua namorada, com o único propósito de que esses vasos sejam preservados, as pessoas que os depositam nos enterros fazem um furo no centro, o que prova que é realmente do lado do furo que devemos procurar "a causa material". Aqui está algo que causa algo, um furo no vaso: aqui está o modelo.

Se tomarmos o ápice da elaboração científica que é, ao mesmo tempo, a pedra angular e a chave essencial, o que é que se obtém? Você obtém o que é chamado de energética. A energética não é o que um autor que se opõe a ela acredita, como complemento da minha teoria estrutural da psicanálise. Ele imagina que a energia, sem dúvida, é o que cresce, essa é a cultura dos filósofos!

Na energética, se você se referir, por exemplo, a alguém tão autorizado quanto FEYNMAN...

que eu não esperei que ele recebesse o Prêmio Nobel - peço-lhe que acredite - para abri-lo

... em um tratado de dois volumes chamado Lectures on physics<sup>42</sup>... e para aqueles que tem tempo, finalmente, não posso recomendar-lhes uma leitura melhor, porque é um

---

<sup>41</sup> Aristóteles: Física, II, 3, 194b; metafísica, II, 2.

<sup>42</sup> Richard Phillips Feynman, Robert B. Leighton, Matthew Sands: The Feynman Lectures on physics, Addison-Wesley, 1963, 2 vols. O curso de física de Feynman, Paris, Dunod, 1999, "Mecânica", T. 1 e T. 2.

curso de dois anos, absolutamente exaustivo. É perfeitamente possível abranger todo o campo da física, no seu nível mais elevado, num certo número de lições que, no final, não pesam mais do que um quilograma e meio.

No terceiro ou quarto capítulo, eu não sei, ele dá ao leitor ou ao ouvinte uma ideia do que é energia. Portanto, não fui eu quem inventou isto para servir minhas teses. Eu me lembrei que tinha lido isto quando recebi o volume, isto é, há um ano e meio - por favor, veja o primeiro parágrafo do capítulo 4: conservação de energia.

O que ele acha melhor para dar a ideia a ouvintes supostamente virgens a respeito de física, desde então, eles só receberam instruções dos incompetentes: ele supõe um pirralho a quem chama de Denis a ameaça, Denis o perigo público. Ele recebe 28 blocos pequenos, mas como ele é um bruto, eles são feitos de platina, indestrutíveis, inquebráveis, indeformável. Trata-se de saber o que a mãe fara sempre que - discreta como deve ser, ou seja, não americana - ela entra no quarto do bebê e que às vezes ela encontra apenas 23 blocos, às vezes 22.

É claro que esses blocos sempre serão encontrados:

- seja no chão do jardim, porque terão passado pela janela,
- seja numa diferença de peso que podemos ver de uma caixa... que obviamente não abriremos,
- ou porque a água da banheira terá subido ligeiramente, mas porque a água da banheira está demasiado suja para que vejamos o fundo, é por esta ligeira elevação de nível que saberemos por onde passaram os blocos.

Não vou ler a passagem inteira, não tenho tempo suficiente, é sublime. O autor salienta que encontraremos sempre o mesmo número constante de blocos com a ajuda de uma série de operações que consistirão em adicionar um certo número de elementos, por exemplo: a altura da água dividida pela largura da banheira, para adicionar esta curiosa divisão a outra coisa que será, por exemplo, o número total de blocos restantes - espero que vocês estejam acompanhando, ninguém fazendo careta - ou seja, para fazer isto, digo de passagem, que está incluído na menor fórmula científica, que é, que não apenas somamos, mas subtraímos, dividimos, operamos de todas as maneiras com o quê? Com números graças aos quais somamos - caso contrário, não haveria ciência possível -,

comumente adicionamos panos de prato com guardanapos, peras com alhos-porós, não é?

Agora, o que ensinamos às crianças quando elas começam a entrar - espero que não seja assim agora, mas não tenho a certeza - precisamente para lhes explicar as coisas, dizemos-lhes o contrário, ou seja, que não as somamos, pano de prato com as toalhas, nem as peras com o alhos-porós, pelo que, naturalmente, estão definitivamente impedidas na matemática. Voltemos ao nosso FEYNMAN, este parêntese só pode desviar-vos.

FEYNMAN conclui - aqui está o exemplo - sempre sairá um número constante: 28 blocos. Bem, ele diz, isso é o que é a energética. Só que não há blocos, isso significa que essa figura constante que garante o princípio fundamental da conservação da energia...

Digo não só fundamental, mas cujo único tremor na base, é suficiente para colocar qualquer físico em pânico absoluto

...este princípio deve ser preservado a todo custo.

Assim será necessariamente, uma vez que o será a todo custo, que é a própria condição do pensamento científico. Mas o que significa a constante, que sempre encontramos o mesmo número? Porque está tudo lá. É apenas um número. Significa que algo que está faltando como tal - não há blocos - deve ser encontrado em outro modo de falta.

O objeto científico é passagem, resposta, metabolismo, metonímia - se quiser, mas cuidado - do objeto como falta. E a partir daí, muitas coisas ficam claras. Relembramos o que no ano passado conseguimos colocar destacando a função de 1.

Não lhe parece que a primeira aparição do 1 sobre o objeto seja a do "homem das cavernas" - para lhe agradar se ainda gosta deste tipo de imagens - que volta para casa onde há um pouco de provisões - ou muito, porque não - e que diz: "falta um". Esta é a origem do traço unário: um furo.

É claro que podemos ir mais longe, e mesmo assim não deixaremos de o fazer. Observe que isso prova que nosso "homem das cavernas" já está no último ponto da matemática, ele conhece a teoria dos conjuntos, ele conota: "falta um", e sua coleção já está feita.

O verdadeiro ponto de interesse é obviamente o 1 que denota, aqui precisamos do referente, e os estóicos nos ajudarão. É óbvio que a denotação é o quê? Sua palavra, ou seja, a verdade que nos abre para o furo, a saber: por que 1? Porque este 1, o que ele designa é sempre o objeto como faltante.

E, portanto, a fecundidade daquilo que nos é dito é a característica do objeto da ciência: que ele pode ser sempre quantificado. É apenas isso - por um viés que seria verdadeiramente incrível - que escolhemos de todas as qualidades do objeto apenas esta: grandeza, à qual então aplicaríamos a medida, da qual nos perguntamos de onde vem. Do céu, é claro! Todos sabem que o número...

pelo menos foi assim que KRONEKER se expressou se eu me lembro corretamente

..." O número inteiro é um dom de Deus<sup>43</sup> ". Os matemáticos podem dar-se ao luxo de ter opiniões tão bem-humoradas.

Mas a questão não está aí, é precisamente manter esta noção de que a quantidade é uma propriedade do objeto e que a medimos, que perdemos o fio, que perdemos o segredo daquilo que constitui o objeto científico. O que é medido pelo critério de algo, que é sempre outra coisa<sup>44</sup>, nas dimensões - e podem ser múltiplas - do objeto como uma falta.

E a coisa é tão insensível que o que teremos que perceber é que a experiência real que é feita é o seguinte: esse número em si não é um dispositivo de medição, e a prova disso foi dada após as inspirações pitagóricas: vimos que o número não pode medir o que permite construir, ou seja, que nem sequer é capaz de dar um número, um número que de alguma forma expresse de forma comensurável a diagonal do quadrado, que não existiria sem o número.

Só o menciono aqui porque é interessante: se o número para nós deve ser concebido em função da falta, isto - esta simples observação que fiz sobre a imensurável diagonal - diz-nos que riqueza nos é oferecida a partir daí. Porque o número fornece-nos, se assim posso dizer, vários registros de falta.

---

<sup>43</sup> Léopold Kroneker: "Deus criou os números inteiros, tudo o resto é feito pelo homem"

<sup>44</sup> Cf. no seguinte seminário: "Lógica da fantasia", a relação de (a) com 1, e a função da fantasia.

Eu especifico para aqueles que não estão particularmente interessados nesta questão: um chamado número irracional, que é, no entanto, pelo menos desde DEDEKIND<sup>45</sup>, para ser considerado como um número real, não é um número que consiste em algo que pode se aproximar indefinidamente, só pode ser encaixado na série dos números reais, justamente trazendo uma função, que não é por acaso que tem sido chamado de "o corte".

Não tem nada a ver com um objetivo que recua como quando você escreve 0,33333..., que é um número perfeitamente comensurável: é um terço de 1. Para a diagonal, sabemos desde os gregos por que é estritamente incomensurável, ou seja, que nenhum dos seus dígitos é previsível até ao final das terminações. Isto interessa apenas para vos fazer considerar que, talvez, os números nos proporcionem algo muito útil para estruturar o que é para nós, ou seja, a função da falta.

Estamos, portanto, diante da seguinte posição:

- o sujeito só pode funcionar definindo-se como corte,
- o objeto como uma falta. Estou falando do objeto da ciência, em outras palavras: um furo.

As coisas vão tão longe, que acho que os fiz sentir que só o furo, no final, pode passar por isso que de fato nos importa, ou seja, a função de "causa material". Aqui estão os termos entre os quais temos que apertar um certo nó.

Uma vez que hoje não pude avançar tanto quanto esperava, devido ao fato de as coisas não terem sido escritas, e uma vez que não posso sequer esperar, dentro de oito dias, fazer a escolha necessária à minha discricção, farei esta terceira quarta-feira deste mês, por exceção, o mesmo seminário aberto para o qual todos estão convidados.

Para pontuar, para apontar do que se tratará, farei a oposição: que relação conceber o objeto(a) da psicanálise, com esse objeto da ciência como acabei de tentar apresentá-lo a vocês? Não basta falar do furo, embora, é claro, parece, pelo menos para os mais ávidos, que a solução já deve aparecer - é o caso de dizê-lo - no nosso horizonte.

---

<sup>45</sup> Richard Dedekind: "Números, o que são e para que servem? ", in S. Hawking: E Deus criou os números, Dunod, 2006, p.935.

A função da falta...

Eu não disse a ideia, cuidado! Essa ideia, sabemos como agarrou PLATÃO pelo tornozelo e que ele não saiu dela

... a função da falta, nós a vemos surgir, sofrer a fuga necessária pela queda do objeto(a) e é isso que esses desenhos, que eu trouxe hoje, que trarei de volta na próxima vez, têm o objetivo de fazer vocês colocarem as mãos.

Que estrutura é necessária para um corte determinar o campo:

- por um lado, do sujeito como necessário como sujeito da ciência,
- e, por outro lado, o furo onde se origina um certo modo de objeto, o único a recordar, o chamado objeto da ciência?

E, como tal, talvez, este tipo de causa, sobre a qual deixei o ponto de interrogação da última vez,

- é, como parece, apenas a forma das leis?
- ou: onde se agarra a essa face obviamente materialista pela qual a ciência pode ser justamente designada?

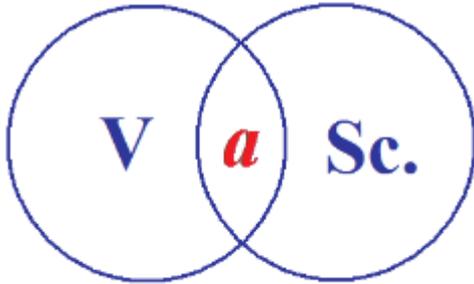
É precisamente neste nó da função da falta que reside e se esconde aqui o ponto de virada daquilo que está em questão. E o que vamos ter neste ponto, que é uma lacuna? Vimos isso no ano passado sobre a gênese Fregeana do número 1: é para "salvar a verdade" que deve funcionar. "Salvar a verdade", que significa "não querer saber nada sobre ela".

Há outra posição que é "gozar da verdade". Ora, esse é o impulso epistemológico, o saber como gozo com a opacidade que implica na abordagem científica do objeto, esse é o outro termo da antinomia, é entre estes dois termos que temos que compreender qual é o sujeito da ciência, e é aí que pretendo retomá-lo para levá-lo mais longe.

Compreendam bem, para falar sobre esta função radical, ainda não levantei nada sobre o que é o objeto (a), mas vocês devem sentir que o mesmo esquema, precisamente, que eu não reproduzi aqui, o esquema dos dois círculos no momento em que eu retratei para

vocês a função de alienação como tal, lembrem-se do exemplo: "a bolsa ou a vida, a liberdade ou a morte? "

Expliquei-lhes com o esquema de alienação que, uma escolha que não é uma escolha, no sentido de que sempre se perde algo, ou então a coisa toda.



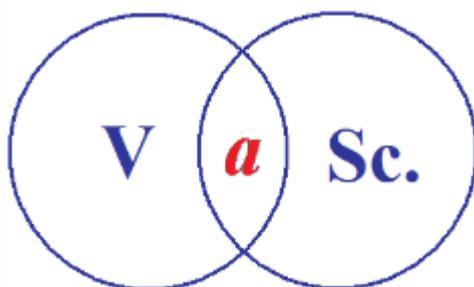
- Você goza da verdade, mas quem goza, já que você não sabe nada sobre isso?

- Ou, você tem - não o saber, mas a ciência e este objeto de intersecção que é o objeto(a) escapa-lhe. Aí está o furo: você tem esse saber amputado.

Este é o ponto em que vou parar hoje.

15 de dezembro de 1965

Os números, os cortes não são poupados hoje em dia. Para ser rigoroso, tive o cuidado de colocar no quadro na parte superior esquerda, o que corresponde ao lembrete que dei da última vez do que tinha dado no final do meu primeiro ano aqui como um esquema de alienação. Digamos que a alienação consiste nesta escolha, que não é uma só, e que nos obriga, em ambos os termos, a aceitar "ou o desaparecimento de ambos, ou apenas um mutilado".



Para desfrutar da verdade, como disse, este é o verdadeiro objetivo da pulsão epistemofílica, no qual todo o saber e a própria verdade fogem e desaparecem.

"Salvar a verdade" e por isso "não querer saber nada dela", eis aí a posição fundamental da ciência e é por que é ciência, ou seja, saber no meio do qual se espalha o furo da falta do objeto (a) - aqui marcado por suporte em uma convenção euleriana - como representando o campo de interseção da verdade e do saber.

É claro que para esses círculos de EULER, levantei mais de uma objeção em termos de seu uso estritamente lógico, e que seu uso aqui também é um tanto metafórico. Esses são os cuidados a serem tomados. Não vão pensando que eu acho que existe um campo da verdade e um campo do saber. O termo "campo" tem um significado específico que podemos ter a oportunidade de retocar hoje. Portanto, esse uso de círculos eulerianos deve ser considerado com reserva.

Então - estou avançando - peço, por favor, notem que seu alcance decisivo deve ser tomado em um sentido muito diferente do sentido significado como o que o círculo representa - no sentido euleriano aqui - que, em resumo, pretende nos mostrar como inclui

uma certa conceituação extensa e abrangente no que mostro a vocês no centro dessas figuras que eu trouxe para hoje.

Observo isso porque, ao contrário desta reserva que acabei de fazer, vocês me verão hoje me apoiando sobre certas formas... dizer "certas formas" não é dizer o que é:

- Os "cortes" estão mais próximos,
- "significantes" é o que está em causa,
- "escrituras", porque não?

Ou seja, algo que foi traçado por um monge budista que é chamado pelo nome que eu coloquei lá no quadro, em sua fonetização japonesa, já que ele era Japonês: JIOUN SONJA<sup>46</sup>.

JIOUN SONJA - como um dos meus amigos fiéis, que está aqui hoje, teve a gentileza de me ensinar - JIOUN SONJA viveu de 1714 a 1804. Ingressou "em ordens" - ousou dizer - budistas aos quinze anos, vejam que lá permaneceu até uma idade avançada. Seu trabalho é considerável e não vou falar sobre as fundações originais que ainda carregam sua marca. Dar uma ideia de sua atividade o lembrará, por exemplo, que um manual de estudo de sânscrito atualmente considerado tão fundamental é de sua fonte, se não inteiramente de sua mão e que tem nada menos que mil volumes. Isso quer dizer que ele não era um homem preguiçoso.

Mas o que vemos aqui é tipicamente o traço desse algo que, devo dizer, é feito em algum ponto culminante de uma meditação e não é alheio - pelo menos na aparência - ao que se obtém de alguns desses exercícios, ou melhor, desses encontros que ocorrem pelo caminho do que se chama ZEN.

Eu teria escrúpulos em apresentar este nome mesmo aqui, ou seja, perante uma audiência, parte da qual é para mim demasiado insegura para a maneira como posso ser ouvido, para que, descuidadamente, encaminhe uma referência a algo...

que certamente não é um segredo, que se arrasta pelas ruas e que se ouve falar por todo o lado: ZEN

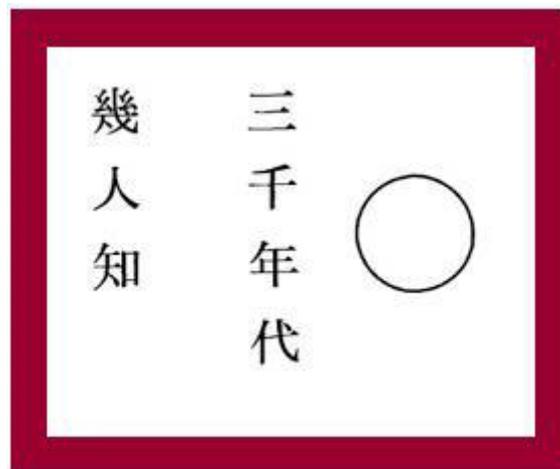
---

<sup>46</sup> Cf. Lacanchine: O objeto da psicanálise: 15-12-1965, nota 1.

...não representa algo que possa ir tão longe quanto uma quebra de confiança. De fato, não posso aconselhá-los o suficiente para terem cuidado com todas as bobagens que se acumulam sob este título.

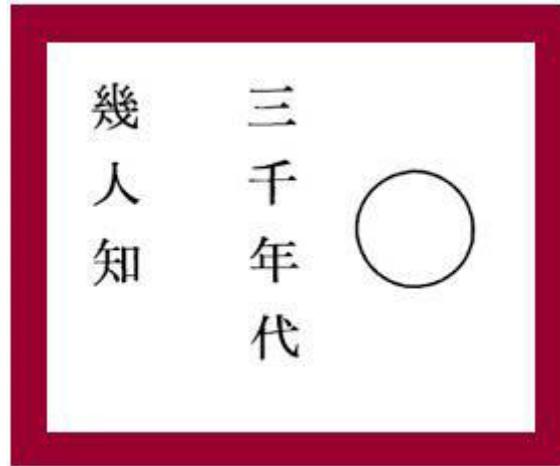
Mas afinal, não mais do que sobre a própria psicanálise.

Sou forçado a dizer, contudo, que isto, desenhado com uma pincelada cujo vigor particular não é certo que possamos apreciar, é no entanto, para o olho treinado, bastante marcante.



Esta pincelada é o que me vai interessar, é sobre ela que centrarei a nossa atenção a fim de apoiar o que tenho de fazer hoje para avançar ao longo do caminho que abrimos.

Não há dúvida de que está na posição adequada que é aquela... que é aquela que eu defino como sendo a do significante. Que representa o sujeito, e para outro significante, sendo isto bastante assegurado pelo conteúdo da escrita que aqui se alinha e lê como a escrita chinesa que é:



[em simplificado e em Pinyin]

几 *jǐ*      三 *sān*  
人 *rén*      千 *qiān*  
知 *zhī*      年 *nián*  
                    代 *dài*

Isso está escrito em caracteres chineses, vou pronunciar para vocês, não em japonês, mas em chinês:

三千年代  几人知  
*Sān      qiān      nián      dài      jǐ      rén      zhī*

O que significa: “Em três mil anos, quantos homens saberão?”

Saberão o que? Vão saber quem fez este círculo. Quem era este homem cujo período julguei ser meu dever contar primeiro, entre o mais extremo, o mais piramidal da ciência

e um modo de exercício que não podemos ignorar aqui, como a base do que ele nos deixa descrever aqui?

"Em três mil anos, quantos homens saberão?" O que está ao nível deste círculo traçado?

Tomei a liberdade, em minha própria caligrafia, de responder:



[em simplificado e em Pinyin]

人	<i>rén</i>	三	<i>sān</i>
知	<i>zhī</i>	千	<i>qiān</i>
也	<i>yě</i>	年	<i>nián</i>
		前	<i>qián</i>

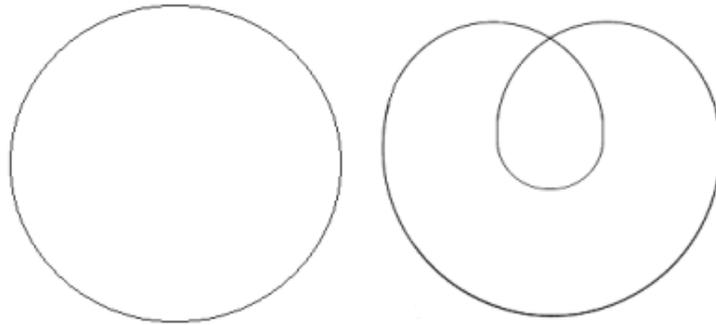
"Em três mil anos, muito antes, os homens saberão".

# 三千年前 人知也

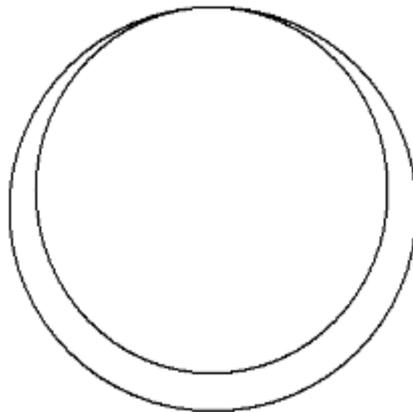
*sān qiān nián qián rén zhī yě*

Muito antes de três mil anos - e, afinal, pode começar hoje - os homens saberão.

Talvez se lembrem de que o significado deste traço merece ser inscrito desta forma.



Apesar da diferença aparente, é topologicamente a mesma coisa. Suponha que isso seja redondo, que o que eu chamei de círculo é um disco. O que tracei aqui com a minha mão é também um disco, embora sob a forma de dois lóbulos, um dos quais cobre o outro, a superfície esteja numa só peça, é limitada por uma borda que, por deformação contínua, pode desenvolver-se de modo a que uma das bordas cubra a outra. A homomorfia topológica é óbvia.



O que significa então que eu tracei de uma maneira diferente e é isso que agora eu tenho que chamar a atenção de vocês? Um traçado que eu chamei de círculo e não de disco, deixa em suspenso a questão do que ele limita. Para ver as coisas onde elas são traçadas, em um plano, o que ele limita: pode ser o que está dentro, pode ser também o que está

fora. Na verdade, é aí que devemos considerar o que pode haver de original na função da escrita.

Deixemos por um momento o que temos aqui diante de nós e que certamente proponho a um experimentum mentis, a um exercício da mente, do que a uma adesão intuitiva. Porque se eu te levar para o campo da topologia, é para você introduzir uma espécie de relaxamento mentis, de um exercício mental, em relação a figuras que não são, sem dúvida, não podem ser apreendidas de forma alguma, intuitivamente, mas das quais bastará tentar, pelo menos para os menos experientes, me seguirem, digamos, pelos efeitos que tentarei descentralizar aí, traçando certos cortes.

Verão imediatamente que terão problemas suficientes com estas coisas excessivamente simples que existem para seu uso no que hoje lhe preparei, para que vejam que provavelmente não é em vão que estas construções chamadas...

Já as apresentei todas e até as usei e abusei o suficiente, mas não sem o fato de que hoje preciso reunir o que lhes diz respeito  
...estas figuras chamadas garrafa de Klein, plano projetivo, toro, estão em uma posição tão confusa em relação ao que é a estrutura das coordenadas usuais da nossa intuição, numa posição tão desconcertante, que realmente temos que praticá-la, aplicar-nos a ela, para nos orientarmos facilmente.

É isso... peço desculpas - ao que posso ter em meu público de matemáticos - por ter que explicar as coisas por meio de oposições, que são de alguma forma massivas e que deixam escapar um pouco do rigor do que seria a apresentação real do que é, por exemplo, este capítulo onde estas figuras aparecem em um livro moderno sobre topologia.

Mas, afinal, também não tenho muito do que me desculpar, porque essas dificuldades que são chamadas de dificuldades intuitivas em relação ao campo da topologia foram, de certa forma, radicalmente eliminadas da explicação matemática adequada dessas coisas.

Se eles nem sequer pesam por um momento - dadas as fórmulas combinatórias que são muito seguras em suas premissas, em seus axiomas originais, em suas leis que são avançadas - o fato é que algo mantém seu valor na própria dificuldade que essas coisas apresentaram para serem decantadas, para eventualmente encontrar seu status lógico-

matemático e que é muito fácil livrar-se delas dizendo que havia restos de impurezas intuicionistas, que tudo estaria no fato - por exemplo - que nos deixamos sobrecarregar por muito tempo por uma visão de alguma forma ligada à experiência de um espaço tridimensional, que era preciso vir a poder pensá-lo, construí-lo, a partir desses dados da experiência variando, montando, construindo uma combinatória generalizada.

Estamos satisfeitos com esta crítica e com esta referência, mas penso que estamos perdendo alguma coisa aqui.

Se o número negativo... para nos atermos a uma das aporias realmente históricas - agora para nós - que nos parece o mais grosseiramente elementar - quem se preocupa com a existência do número negativo?

E essa tranquilidade em que estamos em relação ao número negativo, além de não esconder nada de bom, é, no entanto, muito útil em termos de não fazer perguntas inúteis, essa tranquilidade em relação ao número negativo não tem mais de um século.

Eu ainda estava a falar recentemente com um matemático muito erudito, que admiravelmente conhece a sua história dos matemáticos: ainda no tempo de DESCARTES, o número negativo, esta magnitude abaixo de 0, atormenta-os. Eles não estão em paz: os números crescem, eles também diminuem e quando excede o limite abaixo, o fundo do poço, para onde vai? Afinal, é perfeitamente legítimo que, se aceitassem as coisas nestes termos, que fossem atormentados por isso.

Estou apenas mencionando este simples exemplo... vocês podem imaginar que seria fácil para mim mencionar outros:

o número irracional, o chamado número imaginário, a famosa  $\sqrt{-1}$ . Aqui, novamente, os matemáticos esquecem um pouco facilmente o que esse número imaginário tem sido por séculos, cerca de cinco ou seis séculos.

Vocês sabem que se tratava de uma raiz fora do campo do concebível da equação muito simples do 2º grau. Desde aquele tempo até o início do século XIX - são poucos - o número imaginário com o qual não sabíamos o que fazer, o que fazer com ele

conceitualmente, e se agora as coisas estão asseguradas desde a fundação do número complexo...

extensão dos conjuntos numéricos aos quais acabamos por dar seu status ...o fato é que é muito fácil para os matemáticos - e fácil demais! - não notar que, naturalmente, o termo "imaginário" continua ligado a ele, mas que é um número tão bom quanto qualquer outro, que esta noção que acabo de trazer de um conjunto numérico é suficiente para cobri-la, e que não é mais imaginária do que qualquer outra.

Bem, é aí que eu vou contestar. Porque me parece que para tudo o que assim constituiu um ponto de parada, ponto de escansão no domínio progressivo das conquistas de certas estruturas que acabei de referir sob o termo dos conjuntos numéricos, o obstáculo é não se colocar sob o registro da intuição, desse véu, desse fechamento, o que resultaria do fato de que algum suporte para o que está envolvido na combinatória não pode ser visualizado.

Sustento, ao contrário, que somos inclinados a algo mais primitivo, que nada mais é do que aquilo que tentamos apreender como estrutura, como constituição, através do significante, do sujeito. É como essas várias formas de expressão numérica podem ser encontradas reproduzindo vários tempos de escansão, digo reproduzindo temporalmente, e nem mesmo temos certeza de que é o mesmo truque que envolve essa reprodução: teremos que ver.

Em outras palavras, pode haver formas estruturais desta falta constitutiva do sujeito que diferem umas das outras, e que talvez não seja a mesma que se expressa neste número negativo, sobre o qual podemos dizer que, a introdução deste número por KANT<sup>47</sup> no campo da filosofia é realmente - quando voltamos a ele - do caráter mais doloroso. Talvez seja um grande mérito que KANT tenha tentado esta introdução. O resultado é um vaguear incrível. Portanto, não é o mesmo momento da falta estrutural do sujeito, talvez, que se sustenta, não estou dizendo que ele se simboliza: aqui o símbolo é idêntico ao que causa, isto é, a falta do sujeito. Eu voltarei a isso.

---

<sup>47</sup> Emmanuel Kant: Ensaio para introduzir o conceito de magnitude negativa na filosofia (1763), Paris, Vrin, 2000.

Há que introduzir no nível da falta, a dimensão subjetiva da falta, e me surpreende que ninguém tenha olhado no artigo de FREUD sobre Fetichismo<sup>48</sup> o uso do verbo *vermessen*, que podemos ver que, em seus três usos neste artigo designa a falta no sentido subjetivo, no sentido de que o sujeito perde seu negócio.

Então aqui estamos nós, sobre esta função da falta no sentido de que ela está ligada a esse algo originário que se chama o corte, está localizado em um ponto onde é a palavra escrita que determina o campo da linguagem. Se tive o cuidado de escrever a *Função e o campo da fala e da linguagem*, é porque a função se relaciona com a fala e o campo com a linguagem. Um campo que tem uma definição matemática muito precisa.

A pergunta foi feita na primeira parte de um artigo publicado - penso que, esta semana, pelo menos foi esta semana que recebi a entrega - por alguém<sup>49</sup> que é muito próximo de alguns dos meus ouvintes e que introduz, com uma vivacidade, uma mordida, um verdor que realmente lhe dá um âmbito inaugural, esta questão da função da escrita na linguagem.

Aponta de uma forma que é, devo dizer, definitiva, irrefutável, que fazer da escrita um instrumento, do que seria, viveria, na palavra, é entender absolutamente equivocadamente sua verdadeira função. Que ela deve ser reconhecida em outro lugar, é estrutural à linguagem, algo que eu mesmo já indiquei o suficiente, ainda que apenas na prevalência dada à função do traço unário no nível da identificação, para que eu não tenha que sublinhar minha concordância sobre isto.

Aqueles que frequentaram os meus antigos seminários<sup>50</sup>, se ainda se lembrarem de alguma coisa do que ali disse, poderão recordar o valor dado a isto: algo aparentemente tão obsoleto e ilegível como a descoberta feita por Sir FLINDERS PETRIE<sup>51</sup> sobre os fragmentos pré-dinásticos, ou seja, muito antes da fundação do alfabeto fenício,

---

<sup>48</sup> S. Freud: Fetichismo, o fetiche, op.cit.

<sup>49</sup> Jacques Derrida: "escrever antes da Carta", in Gramatologia e et II, Critique n 223, dez. 1965 e N 224, Jan. 1966.

<sup>50</sup> Cf. seminário 1961-62: "identificação", fim da sessão de 20-12.

<sup>51</sup> Sir Flinders Petrie: a formação do alfabeto, Londres, Macmillan, 1912.

precisamente os sinais deste chamado alfabeto fonético que estavam obviamente lá como marca registrada.

E enfatizei isso, que devemos ao menos admitir, mesmo quando se trata de uma escrita supostamente fonética, que os sinais vieram de algum lugar, certamente não da necessidade de sinalizar, para codificar os fonemas. Embora todos saibam que, mesmo em um roteiro fonético, eles não codificam absolutamente nada. Por outro lado, eles expressam de forma notável a relação fundamental que colocamos no centro da oposição fonética na medida em que ela se distingue da oposição fonética.

Estas são coisas grosseiras, direi muito tarde, tendo em conta a precisão com que a pergunta é feita no artigo que lhes disse. Além disso, é sempre muito perigoso indicar referências: é necessário saber a quem. Naturalmente, aqueles que lerem isto verão certas oposições como a do significado e a do significante postas em questão - vai tão longe - e talvez vejam uma discrepância onde não há nenhuma.

Por outro lado - quem sabe? - vai incentivá-los a ler tal artigo antes ou depois, sempre há algo muito delicado nessa referência sempre fundamental que um significante remete a outro significante.

Escrever e publicar não são a mesma coisa. Que eu escrevo, mesmo quando falo, não há dúvida. "Então, por que você não publica mais?". Justamente pelo que acabei de dizer: a gente publica em algum lugar.

A conjunção fortuita e inesperada deste algo que é a palavra escrita e que, portanto, tem relações estreitas com o objeto(a), dá a qualquer conjunção não concertada de escrita, a aparência de lixo.

Acredite em mim, quando chego em casa de manhã, tenho uma grande experiência com a lata de lixo e aqueles que a frequentam. Nada é mais fascinante do que esses seres noturnos que apanham algo que é impossível de entender a utilidade. Por muito tempo me perguntei por que um utensílio tão essencial manteve tão facilmente o nome de um prefeito, que já tinha um nome de rua, o que teria bastado para sua celebração. Acredito

que se a palavra lixo chegou a colidir tão exatamente com este utensílio, foi precisamente por causa da sua relação com a poubellication\*.

Voltando aos nossos chineses, sabem - não sei se é verdade, mas é edificante - que eles nunca jogam no lixo um papel no qual foi desenhado um personagem. As pessoas, os velhos piedosos, dizem eles, porque não têm mais nada para fazer, recolhem-nos para os queimar num pequeno altar ad hoc. Isto é verdade. Se não é verdade, é lindo!

É absolutamente essencial delimitar este tipo de alçapão externo que estou a tentar definir no que diz respeito à função da lata de lixo na sua relação com a palavra escrita. Isto não implica a exclusão de qualquer hierarquia. Digamos que entre as revistas com as quais somos dotados existem latas de lixo mais ou menos distintas. Mas, para levar as coisas bem, não vi nenhuma vantagem significativa sobre as latas de lixo na rua de Lille, em comparação com as dos bairros mais vizinhos.

Então vamos voltar ao nosso furo. Todo mundo sabe que um exercício ZEN tem alguma ligação - mesmo que não saibamos não tenho certeza do que isso significa - com a realização subjetiva de um vazio. E não estamos forçando nada ao admitir que qualquer um, o espectador médio, verá esta figura, pensará que há algo como uma espécie de momento de ápice, que deve ter relação com o vácuo mental, que se trata de obter e que seria obtido: este momento singular, brusquidão sucedendo a expectativa que às vezes se concretiza por uma palavra, uma frase, uma jaculatória, até mesmo uma grosseria, uma esnobada, um pé na bunda...

É certo que estes tipos de brincadeiras ou de palhaçadas só fazem sentido à luz de uma longa preparação subjetiva. Mas ainda assim, no ponto a que chegamos, se há um vazio, se o círculo deve ser considerado - para nós - como definindo o seu valor de furo, se, encontrando nele o favor de representar aquilo de que nos aproximamos, por todo o tipo de convergências do que é o objeto(a), que o objeto(a) está ligado como queda, à emergência, à estruturação, do sujeito como divisão, isto é o que representa, devo dizer, o ponto da interrogação: o que é o sujeito no nosso campo?

---

\* Neste trecho Lacan usa um recurso linguístico que dá a ideia de publicação + lixo.

É este furo, esta queda, esta *πτῶσις* [ptose], para usar aqui um termo estóico do qual me parece que a dificuldade, certamente bastante insolúvel, que ele faz aos comentadores, para ser confrontada com o único *κατηγορημα* [categorema], e este sobre um *λεκτόν* [lecton], outro termo misterioso, vamos traduzi-lo com todas as reservas e da maneira mais grosseira, certamente imprecisa, por significação, significação incompleta, em outras palavras: fragmento de pensamento.

Uma dessas possibilidades de "fragmento de pensamento" é o *δόξα* [doxa], o *εὐδόκειν* [eudokein].

E os comentadores, claro, limitados pela inconsistência do sistema, não perdem a ligação ao traduzirem-no como sujeito, sujeito lógico. Uma vez que se trata de lógica a este nível da doutrina estoica, não estão errados.

Mas que podemos reconhecer nela o traço dessa articulação de algo que choca com a constituição do sujeito, é isso que eu acho que seria errado não nos sentirmos confortados.

Então vamos nos contentar com esse furo? Um furo no real, esse é o sujeito. Um pouco fácil.

Ainda estamos lá, no nível da metáfora. Encontraríamos ali, porém - se pararmos um instante - uma indicação preciosa, especialmente algo bastante indicado por nossa experiência, que poderia ser chamado de inversão da função do círculo euleriano: estaríamos ainda no campo da operação de atribuição, juntaríamos aí o caminho necessário para o que Freud define como *Bejahung*, primeira e única tornando a *Verneinung* concebível. Existe a *Bejahung*, e a *Bejahung* é um julgamento de atribuição. Ela não prejudica a existência, não diz "o verdadeiro sobre o verdadeiro".

Ela dá o início do verdadeiro, ou seja, algo que se desenvolverá: *ποιός* [poios], como qualificação, quiddidade, que não é exatamente o mesmo. Temos um exemplo disso na experiência psicanalítica, primordial para o nosso objeto de hoje, o falo. O falo em um certo nível de experiência - que é propriamente analisado no caso do pequeno Hans - o falo é o atributo do que Freud chama de "seres animados". Deixaremos de lado, se não tivermos uma designação melhor.

Mas observem que, se isso é verdade, o que significa que tudo o que se desenvolve no registro do animismo terá tido como ponto de partida um atributo que só funciona para ser colocado no centro, para estruturar o campo exterior e começar a frutificar a partir do momento em que cai, ou seja, onde já não pode ser verdade que o falo é o atributo de todos os seres animados. Repito, se fiz este esquema, só o fiz entre parênteses.

A propósito, se o meu discurso procede do parêntese, do suspense e do seu encerramento, depois da sua retomada muitas vezes envergonhada, reconheço nele mais uma vez a estrutura da escrita.

É isso então... seria este, então, um daqueles lembretes sumários em que a completude que estamos a tentar fazer seria limitada? Certamente que não! Porque não é uma questão para nós sabermos, no momento em que fazemos a pergunta, como o significante pinta o real! Que podemos colorir qualquer mapa em um avião com quatro cores e isso é suficiente...

mesmo que este teorema esteja nessa data, como sempre, verificado, mas ainda não demonstrado

... não é isso que nos interessa hoje.

Não se trata do significante como furo no real. Trata-se do significante como determinante da divisão do sujeito. O que pode nos dar sua estrutura? Sem vazio, sem queda do objeto(a), sem angústia primordial não é provável que explique isso, e vou tentar fazer vocês sentirem isso por considerações topológicas.

Se assim procedo é porque há um fato bastante marcante, que é o da memória de um escrivão, e Deus sabe que data, ainda que acreditemos que a escrita seja uma invenção recente, não há exemplo de que tudo isso seja da ordem do sujeito, e do saber ao mesmo tempo, nem sempre podem ser inscritos em uma folha de papel.

Considero que este é um fato mais fundamental da experiência do que o que temos, que teríamos, que acreditamos ter, das três dimensões. Porque nós aprendemos, estas três dimensões para fazê-los oscilar um pouco. Basta-lhes oscilar um pouco para que oscilem muito, em vez de, talvez, escrevermos sempre num pedaço de papel e não precisarmos de

o substituir por cubos: isso ainda não oscilou. Portanto, tem de haver algo ali, do qual não digo que devemos concluir que o real é apenas bidimensional.

Eu certamente penso que os fundamentos da estética transcendental devem ser retomados, que o colocar em jogo, mesmo que apenas como um teste, de uma topologia bidimensional no que diz respeito ao sujeito, já teria em todo caso essa vantagem tranquilizadora...

se continuarmos a acreditar, duros como ferro, nas nossas três dimensões, em que, de fato, temos muitas razões para lhes mostrar apego a essas três dimensões, porque é aí que respiramos

...teria pelo menos a vantagem tranquilizadora de nos explicar como, no que diz respeito ao sujeito, se encontra na categoria do impossível. E que tudo o que nos chega - através dele - do real, é primeiro registrado no registo do impossível, do impossível alcançado.

O real em que o padrão do corte subjetivo é esculpido é este real que conhecemos bem porque o encontramos, de certa forma de cabeça para baixo, da nossa linguagem sempre que realmente queremos saber o que é sobre o real: o real é sempre o impossível.

Voltemos à nossa folha de papel: a nossa folha de papel, não sabemos o que é. Sabemos o que é o corte, e que aquele que o fez está suspenso do seu efeito. "Daqui a três mil anos, quantos homens saberão?"

Teríamos de saber qual a condição que uma folha de papel - aquilo a que em topologia se chama "uma superfície" - deve preencher: onde fizemos os furos - para que esse furo seja uma causa, ou seja, para que tenha mudado alguma coisa.

Observe que, para o que estamos a tentar apreender sobre o furo, não vamos começar a supor outro, este é suficiente para nós. Se este furo teve o efeito de fazer cair um retalho... bem, o que resta não deve ser a mesma coisa, porque se é a mesma coisa, é exatamente aquilo a que chamamos um furo ou um golpe de espada na água.

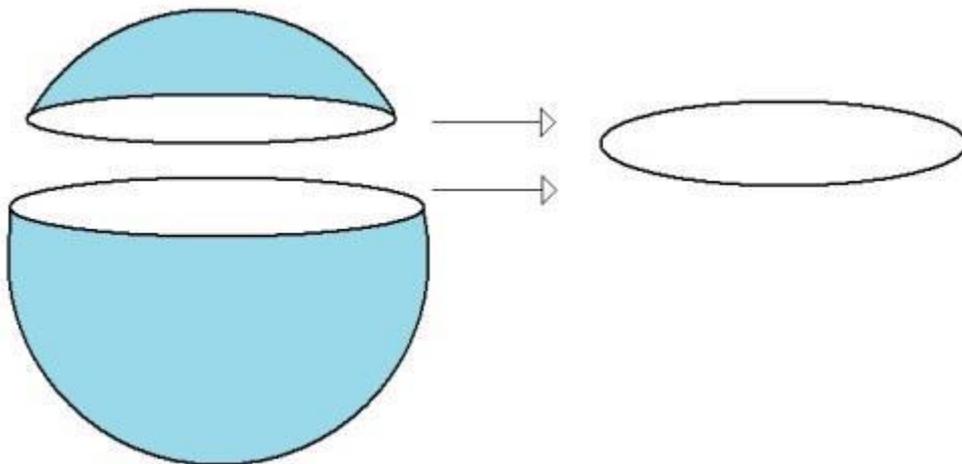
Ora, se nos apoiarmos no suporte intuitivo mais acessível, mais familiar, mais fundamental, e cujo interesse histórico e importância real não estamos a tentar depreciar, ou seja, uma esfera...

Peço perdão aos matemáticos aqui presentes: é à intuição que apelo aqui, uma vez que só temos uma superfície em que cortamos e que não tenho de apelar para algo que está imerso, precisamente no espaço tridimensional  
...ou seja, o que quero dizer simplesmente pedindo-lhes para evocar uma esfera é pensar que o que resta ao redor do círculo não tem outra borda.

No momento, só se pode intuir isto como uma esfera, uma esfera com furo.



Se pensarmos no que é uma esfera com um furo, é exatamente o mesmo que a tampa que você acabou de deixar cair. A esfera tem a mesma estrutura.



A queda em questão neste traçado fundamental não tem outro efeito senão fazer ressurgir no mesmo lugar aquilo que acaba de ser ablacionado\*. Não nos permite de forma alguma conceber algo que, no que diz respeito ao sujeito que nos interessa, seja estrutural  
Como tenho que prosseguir, farei apenas uma rápida referência ao fato de que o Sr. BROUWER...

---

\* É o procedimento de escolha para o tratamento de algumas arritmias cardíacas. Assim como o estudo eletrofisiológico, a ablação é realizada por meio de cateteres, sem a necessidade de abertura do tórax para acesso ao coração, possibilitando uma rápida recuperação. <https://encurtador.com.br/jptFH>

uma figura considerável no desenvolvimento moderno da matemática  
...provou esse teorema topologicamente, que topologicamente é o único que nos dá o verdadeiro fundamento da noção de centro, uma homologia topológica: duas figuras, sejam elas quais forem, desde que tenham uma borda, podem ser por deformação dessa borda, mostradas como homeomórficas.

Em outras palavras, se você pegar um quadrado, ele é topologicamente igual a esse círculo, porque basta soprar - se me permite dizer - dentro do quadrado, ele se inflará e se tornará um círculo. Por outro lado, se você martelar o círculo, esse círculo bidimensional, você o martela em duas dimensões também e ele se transformará em um quadrado.

É demonstrado que essa transformação, seja qual for a maneira como é feita, deixa pelo menos um ponto fixo, ou...

algo mais astuto e menos fácil de ver imediatamente, embora a primeira coisa não seja tão fácil

...ou um número ímpar de pontos fixos. Não vou me aprofundar nisso. Só quero lhe dizer que, nesse nível de estrutura de superfície, a estrutura é, se você quiser, concêntrica, mesmo que seja pelo lado de fora que passamos. Quero dizer que, intuitivamente, para perceber o que está unido, ao nível dessa borda, é uma estrutura concêntrica.

Já faz muito tempo que eu disse - tenho ainda mais vontade de dizer, mas não direi ainda - que PASCAL era um péssimo metafísico. Esse "mundo de dois infinitos", essa literatura que nos incomoda desde quase nosso nascimento, parece-me ser a coisa mais antiquada que se possa imaginar. Este outro anti-aristotélico τόπος [topos] "onde o centro está em toda parte e a circunferência em lugar nenhum", parece-me ser a coisa mais descabida que existe, exceto que facilmente conseguirei tirar dela toda a teoria da angústia de PASCAL.

Farei isso com mais facilidade do que na verdade, se acreditar nas observações estilísticas que me foram apresentadas por este grande leitor no campo da matemática que me pediu para me referir ao texto de DESARGUES, que era um grande estilista diferente de PASCAL, para perceber - o que sabemos muito firmemente além disso - a importância que as referências de DESARGUES poderiam ter para PASCAL, o que mudaria todo o significado da sua obra.

De qualquer forma, é claro que nesta estrutura concêntrica e esférica, se o círculo pode estar em toda parte, certamente o centro não está em lugar nenhum. Em outras palavras, é óbvio para qualquer um que não há centro na superfície de uma esfera. Esta é a inconsistência da intuição Pascaliana.

E agora, surge o problema de saber se não pode haver...

explicar-nos em termos, não de imagens, mas talvez de ideias, e que vos dão a ideia de onde vos guio

... se fora do que eu chamei de "círculo" muito intencionalmente, e não circunferência, o círculo significa o que você costuma chamar em circunferência geométrica, o que geralmente é chamado de círculo, vou chamá-lo de disco ou aba, como agora.

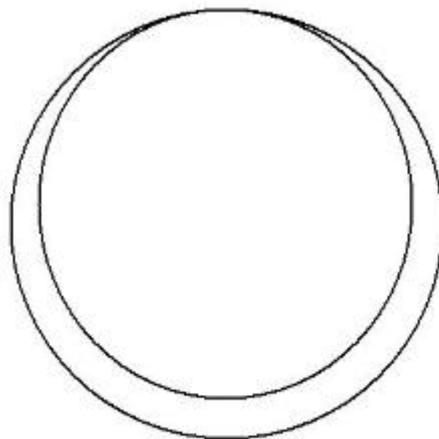
O que deve estar fora para estruturar o sujeito?

Em outras palavras, para que o corte de onde resulta a queda do objeto(a), faça aparecer...

sobre algo que até então estava completamente fechado e onde, portanto, nada poderia aparecer

...fazer aparecer, naquilo que exigimos da constituição do sujeito, o sujeito como fundamentalmente dividido?

Isso é fácil de fazer aparecer porque vocês só têm que olhar para a forma como este círculo é colocado no caminho de onde eu o tracei...

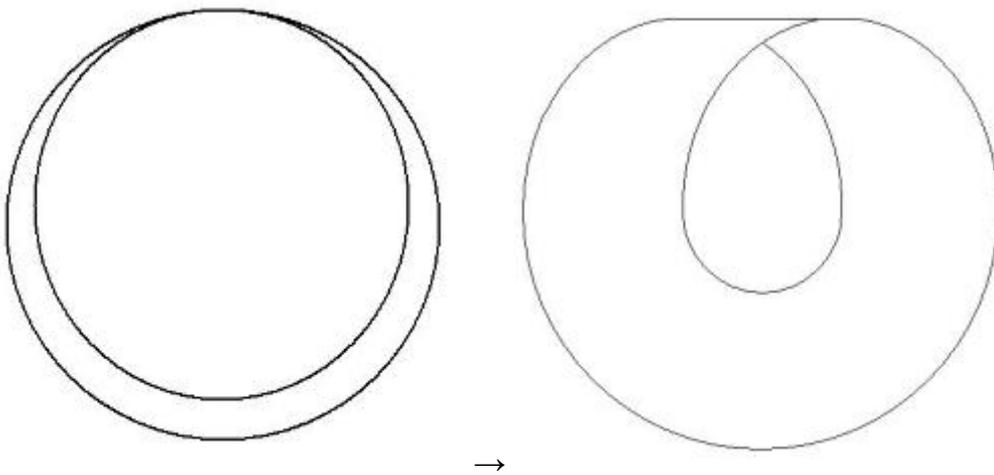


para ver que se você conceber essa linha como vazia, como eu ensinei vocês a lerem este vazio, ela se torna muito simples...

e isso é óbvio, acho que já falei o suficiente sobre a banda de Moebius até agora para que você a reconheça

...é a moldura, a armadura, que permite que você veja uma banda de Moebius sustentada e imediatamente intuível.

Vocês veem aqui:



Junte, se assim posso dizer, cada uma de suas bordas com um traço. Você verá que ele se vira e se costura na parte de trás do que antes era a frente.

A banda de Moebius tem muitas propriedades. Há uma importante, capital, que já representei suficientemente para os senhores em anos anteriores - até mesmo com uma tesoura, aqui, eu mesmo a demonstrei - a saber, que uma banda de Moebius não tem superfície, que é uma borda pura.

Não somente há apenas uma borda nesta superfície da banda de Moebius, mas se eu cortasse ao meio, não haveria mais nenhuma banda de Moebius, porque é minha linha de corte, é propriedade da divisão que estabelece a banda de Moebius.

Você pode remover quantos pedacinhos da banda de Moebius quiser, sempre haverá uma banda de Moebius, contanto que ainda reste algo da banda, mas ela ainda não será a banda que está segurando.

A banda de Moebius, é uma superfície na qual o corte que é traçado em seu meio, é ele, a banda de Moebius.

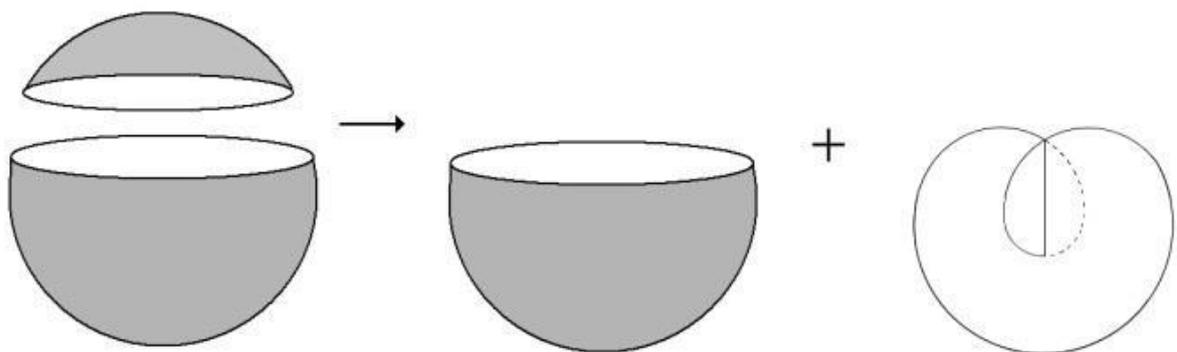
A banda de Moebius em sua essência é o próprio corte. É assim que a banda de Moebius pode ser para nós o suporte estrutural da constituição do sujeito como divisível.

Vou apresentar algo aqui que, no nível topológico estrito, é impreciso. No entanto, não é isso que vai nos incomodar, pois estou entre explicar algo de forma imprecisa ou não explicar de forma alguma.

Esse é um dos exemplos tangíveis desses impasses subjetivos, que são exatamente aquilo em que confiamos.

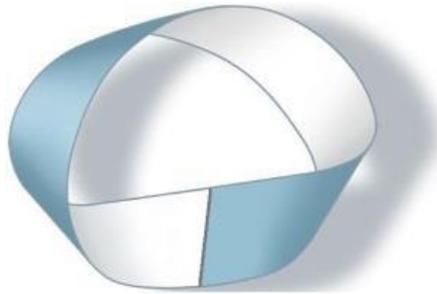
Então - eu avanço... - tendo avisado suficientemente que, na doutrina topológica estrita, isso é impreciso.

Você pode notar que estou falando da minha banda de Moebius, que está desenhada na moldura desse objeto(a):

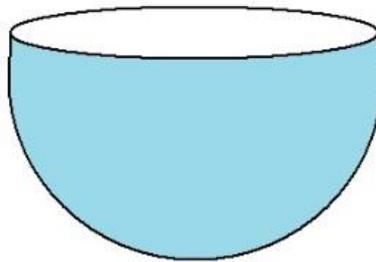


Esta moldura, eu disse a vocês, é exatamente uma aba esférica que não difere em nada do que mostrei a vocês anteriormente sobre o furo de JIOUN SONJA. Para que possa ser usada como suporte para uma banda de Moebius, é bom que a banda de Moebius mude radicalmente sua natureza de aba ou pórtico ao se unir a ela.

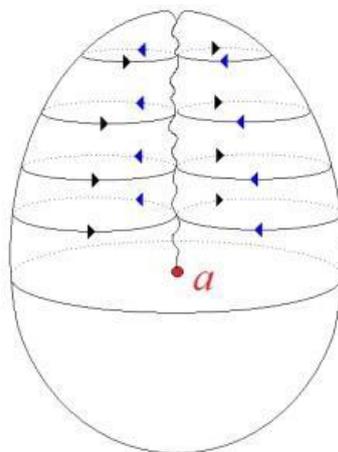
Trata-se de um texto, de um tecido, da coerência de um estofa, de algo tal que, depois de ter passado o traço de um certo corte, aparecem dois elementos distintos e heterogêneos, um dos quais é uma banda de Moebius...



...e a outra é esta aba equivalente a qualquer outra esférica :

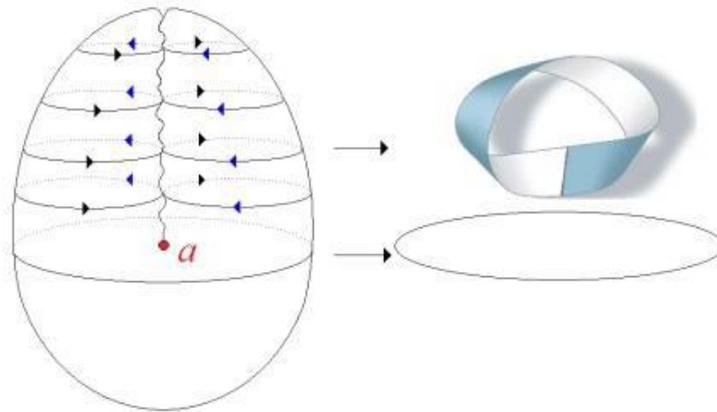


Esta banda de Moebius, fomentada pela imaginação, virá necessariamente nesta linha, se a coisa for mergulhada em três dimensões - é aí que reside a minha imprecisão - mas é uma imprecisão que não é suficiente para se livrar do problema do fato de que uma coisa que é indicada nas três dimensões por um recruzamento, um cruzamento de dados que finalmente dá, à figura total daquilo a que se chama vulgarmente uma esfera com um gorro cruzado ou cross-cap, que dá o que está aqui desenhado em vermelho:



Nomeadamente o que se pode imaginar...

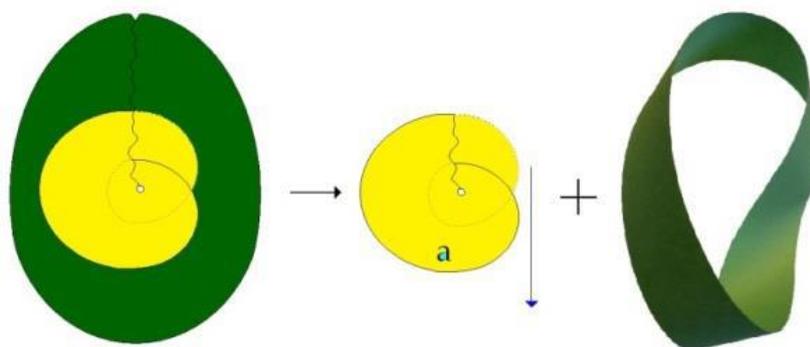
sempre de forma imprecisa, é claro, e imerso na terceira dimensão  
 ...como tendo, no fundo e ao nível desta base, desta quiasmática, deste cruzamento, como tendo este corte:



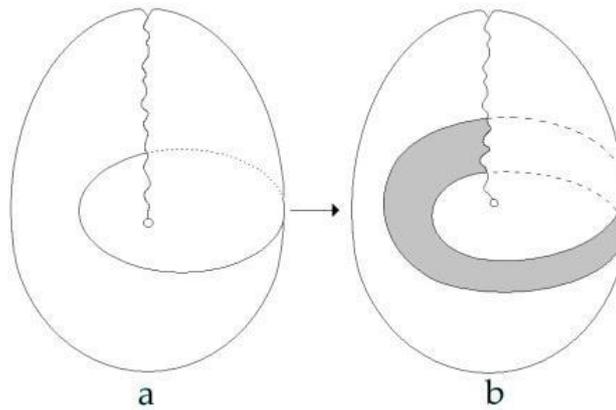
Qualquer corte que passe ao nível do que é esquematicamente representado como este traço de cruzamento, qualquer corte fechado que passe por este cruzamento é algo que dissipa, se posso dizer instantaneamente, toda a estrutura do plano cross-cap, do gorro cruzado ou mesmo do plano projetivo.

Ao contrário de uma esfera, que não deixa sua estrutura fundamental concêntrica, sobre qualquer corte ou borda fechada que você possa descrever em sua superfície, aqui o corte introduz uma mudança essencial, a saber:

- a aparência de uma banda de Moebius
- e por outro lado esta aba ou pórtico:



E, no entanto, o que acabei de dizer é que a linha - aqui traçada em preto [a]:

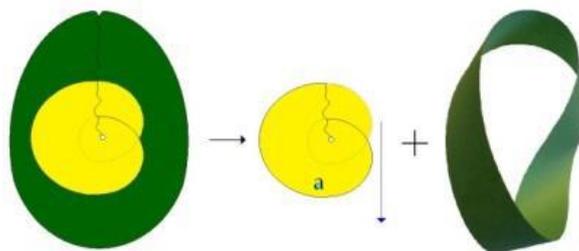


que é uma linha simples, uma borda fechada, do mesmo tipo que a do desenho de JIOUN SONJA - reduziu-a, já disse a vocês, inteiramente a este pórtico. Então, onde está o enigma? Penso que ainda se lembram do que vos disse há pouco anteriormente, que o corte em si é uma banda de Moebius.

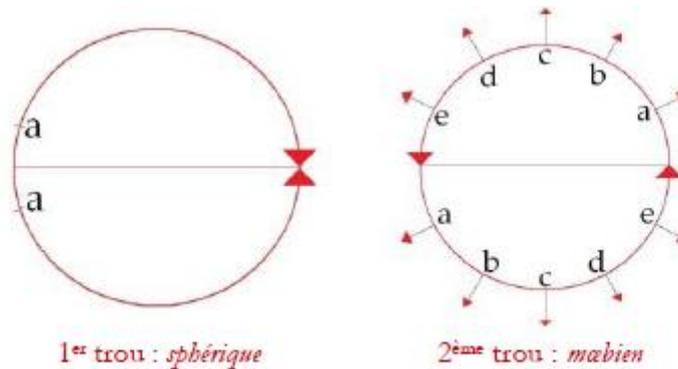
Como podem ver neste segundo desenho que fiz sobre a mesma figura, ao lado dela, figura que está esquematizada em alguma coisa, um balão onde tento fazer vocês intuírem o que é do plano projetivo se afastarmos as bordas, se assim posso dizer, que resulta do corte traçado aqui em preto, obtém-se uma lacuna que é feita como uma banda de Moebius.

O corte em si tem a estrutura de superfície chamada banda de Moebius. Aqui vocês o veem representado por uma linha dupla de tesoura, que vocês também poderiam fazer e onde cortaria efetivamente a figura total do plano projetivo, ou chapéu cruzado como eu o chamei, em duas partes:

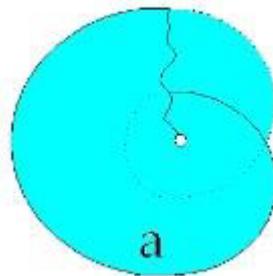
- uma banda de Moebius por um lado [b]... aqui é suposto ser cortada por si só,
- e um resto [a] por outro lado, que desempenha a mesma função do furo em sua forma primitiva, ou seja, o furo obtido em uma superfície esférica.



Isto é fundamental a considerar e é preciso ver outra figura na forma esquemática e mais propriamente topológica, que é esta, cujo complemento inscrevi neste quadro onde penso que podem ver :



Considerando que a forma como o primeiro furo é suturado - o furo Esférico, o que chamei concêntrico: a topologia revela-nos que nada é menos concêntrico do que esta forma de centro adjacente à função da primeira aba :



Porque para fechar o furo na esfera, basta um simples corte para juntar as duas peças, tal como uma costureira faria para qualquer retrabalho.

O corte estabelecido - se vocês tomarem a coisa na direção oposta - pela banda de Moebius que implica uma ordem, e é realmente aqui que está a nossa terceira dimensão, o que nos justifica, agora mesmo, por termos introduzido uma terceira, falsa, para fazer vocês sentirem o peso dessas figuras.

Esta dimensão da ordem, ou seja, que representa uma certa base temporal, implica que se faça este furo...

o segundo furo do qual eu estou tentando explicar-lhe as propriedades topológicas ...é necessária uma ordem que é uma ordem diametral. Diametral, isto é, aparentemente espacial, fundada segundo a linha mediana que lhe dá o apoio figurativo onde podemos

ler que este tipo de corte é precisamente o que esperávamos, isto é, que só se realiza tendo de se dividir ao mesmo tempo.

Em outras palavras, se não é de uma forma intuitiva, visual, mas de uma forma mental que se tenta perceber do que se trata, a partir do momento em que se pensa que o  $a$ , o ponto  $a$  nesta circunferência é idêntico ao ponto  $a$  diametralmente oposto...

*Que é a própria definição daquilo que foi introduzido num contexto completamente diferente, na geometria métrica, por DESARGUES, isto é, o plano projetivo, e Deus sabe que DESARGUES, ao escrevê-lo, salientou ele próprio aquilo que era paradoxal, desconcertante, enlouquecedor, enfim, tal concepção, que prova claramente que os matemáticos são muito capazes de conceber para si próprios os pontos de transgressão, de cruzamento que lhes são próprios sobre o estabelecimento desta ou daquela categoria estrutural. Se o esquecessem, a propósito, haveria sempre os seus colegas para os recordar, dizendo-lhes que não compreendemos nada do que dizem, o que acontece sempre, e especialmente o que aconteceu com DESARGUES<sup>52</sup>, onde as muralhas de Lyon estavam cobertas de palavras onde nos insultamos uns aos outros sobre coisas, vejam, emocionantes. Bom tempo: tempo maravilhoso!*

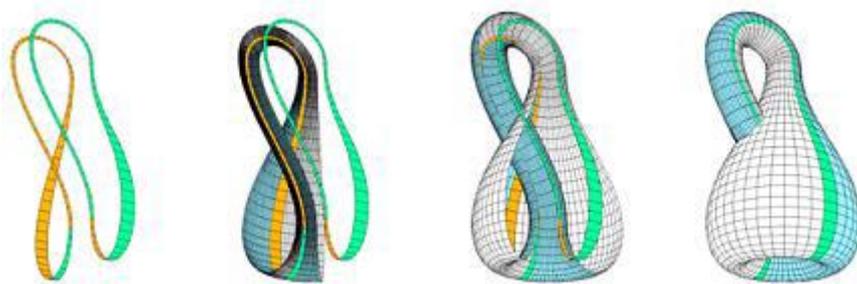
...o  $a$  e o  $a$  são os mesmos [...] o que significa exceto que, mesmo se considerarmos isso como o furo, a conjunção das bordas só poderia ser feita dividindo o furo, passando por ele no movimento, por assim dizer, de sua conjunção.

Encontramos aqui, portanto, o modelo do sujeito determinado por um corte. Ele deve necessariamente apresentar-se como dividido na própria estrutura. É claro que hoje não consegui ir mais longe no ponto  $a$  que vos queria levar. Basta saber que, ao referir duas outras estruturas topológicas que são respetivamente:

---

<sup>52</sup> Girard Desargues (1591-1661). Cf. O abcesso de Monsieur d'espéron, perfurado por um dos seus amigos, Gallica T. 1 e T. 2.

- A garrafa de Klein, como já vos mostrei, é composta pela costura de duas bandas de Moebius. Como verá, isto não é suficiente para deduzir as suas propriedades por simples adição.



- Por outro lado, o toro, que é ainda uma outra estrutura.

A partir dessas definições iniciais relativas ao \$, podemos conceber o que essas duas outras estruturas da garrafa de Klein e do toro podem ser usadas para estabelecer relações fundamentais que nos permitirão localizar, com um rigor que nunca foi obtido até agora com a linguagem comum, desde que a linguagem comum leve a uma ontificação do sujeito que é o verdadeiro nó e a chave do problema.

Sempre que falamos de algo chamado sujeito, fazemos dele Um, mas o que se trata de conceber é precisamente isto, é que o nome do sujeito é este: falta Um para o designar.

O que o substitui? O que vem a “fazer função” deste Um?

Certamente várias coisas.

Mas se não vemos que há várias coisas muito diferentes...

- o objeto(a) de um lado, por exemplo,
- o nome próprio do outro,

...cumprem a mesma função, é evidente que não podemos compreender nada

- nem da sua distinção, porque quando nos apercebemos que cumprem a mesma função, acreditamos que são a mesma coisa,
- nem ao próprio fato de desempenharem a mesma função.

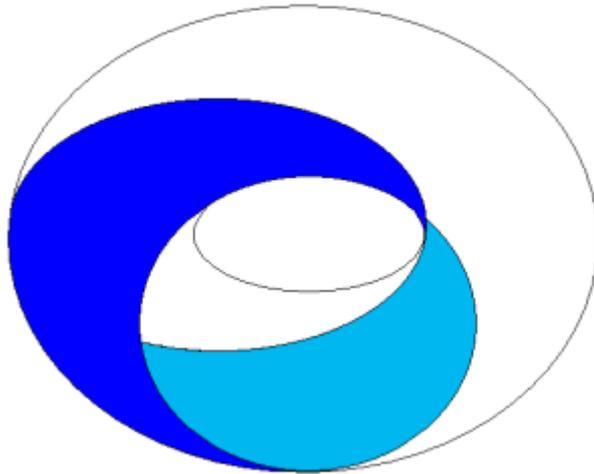
Trata-se de saber onde se situa este \$, onde se articula este sujeito dividido enquanto tal.

O toro, por um lado, figura de forma tão exemplar que já no ano do meu seminário sobre Identificação [1961-62]...

onde, exceto pelos ouvidos frescos que tive naquele ano, ninguém ouvia o que eu dizia: tínhamos outras preocupações

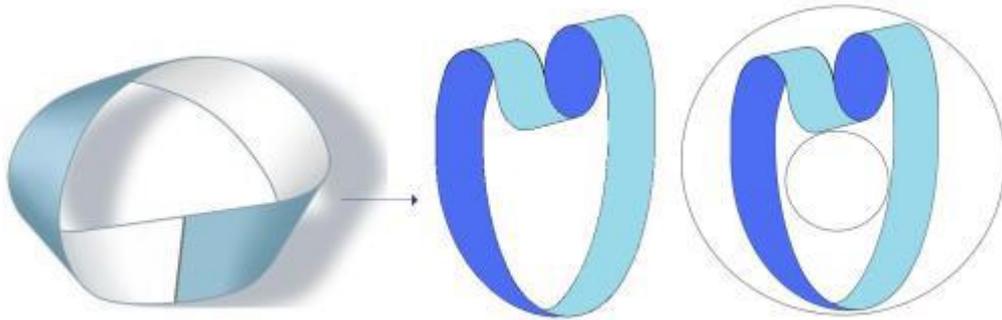
...no meu seminário sobre Identificação, mostrei o valor exemplar que o toro poderia ter para ligar de forma estruturalmente dogmatizável, a função da demanda e a do desejo a rigor no nível da descoberta freudiana, ou seja, do neurótico e do inconsciente. Vocês verão o funcionamento exemplar dele.

O que pode ser estruturado a partir do sujeito está inteiramente ligado estruturalmente à possibilidade de transformação, de passagem, da estrutura do toro à da banda de Moebius, não a verdade do sujeito, mas a banda de Moebius como dividida,



Como uma vez cortada pelo meio já não é uma banda de Moebius, é uma coisa que tem duas faces, um lugar e um verso, que se enrola em si mesmo de uma forma engraçada, mas que...

como eu trouxe hoje o modelo para que vocês vejam de forma sensível



...torna-se aplicável ao que é comumente chamado de anel e que é um toro.

Essa conexão estrutural permite articular de maneira particularmente clara e óbvia certas relações que devem ser fundamentais para a definição das relações, do sujeito, da demanda e do desejo.

Da mesma forma, apenas no nível da garrafa de Klein, a relação original pode ser definida como estabelecida a partir do momento onde na linguagem entram em função a palavra e a dimensão da verdade.

A conjunção não simétrica do sujeito e do lugar do Outro é o que poderemos, graças à garrafa de Klein, ilustrar.

Com estas indicações simples, deixo-vos com um encontro na primeira quarta-feira de janeiro.

Na quarta quarta-feira deste mês, peço a todos os presentes nesta sala que estejam - de alguma forma - interessados no progresso do que estou a tentar fazer aqui, que por favor...

o que quer que eu faça com a folha de informação que preencheram, ou seja, se os convido ou não para a quarta quarta-feira

...considerem que não é por causa dos seus méritos ou deméritos que são ou não são convidados.

Eles são ou não convidados por razões que são as mesmas que PLATÃO<sup>53</sup> define para a função política, ou seja, que não tem nada a ver com a política, mas com a que é melhor considerar como a do estofador. Se eu precisar de alguns fios de uma cor e outros fios de outra cor para fazer naquele dia uma certa trama, Deixe-me escolher meus fios [Sic].

O fato de eu estar fazendo isso este ano como uma experiência, em cada quarta-feira, é uma coisa que todos os meus ouvintes e especialmente porque eles são mais fiéis a mim, e especialmente porque eles podem estar realmente interessados no que eu digo, De alguma forma, têm de ficar a meu critério.

Por conseguinte, deixarão que eu, na próxima quarta-feira, convide quem eu achar conveniente para que o assunto, o tema dado de discussão, de diálogo, que terá lugar nesse dia, decorra nas melhores condições possíveis, ou seja, com interlocutores expressamente escolhidos por mim.

Aqueles que não estarão presentes nessa quarta-feira não precisam se preocupar.

---

<sup>53</sup> Platão: Política, 279c.